



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

CAMPUS DE OURINHOS/SP

CURSO DE GEOGRAFIA

THÉO LEANDRO DE SOUSA PANTAROTTO

**A Geografia segundo Élisée Reclus: as diferenças entre as metodologias
tradicional e libertária no ensino de Geografia**

OURINHOS – SP

2015

THÉO LEANDRO DE SOUSA PANTAROTTO

**A Geografia segundo Élisée Reclus: as diferenças entre as metodologias
tradicional e libertária no ensino de Geografia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
banca examinadora para obtenção do título de
Bacharel em Geografia pela Unesp – Campus
Experimental de Ourinhos.

Orientador: Profa. Dra. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

OURINHOS/SP

2015

AGRADECIMENTOS

Esta parte do trabalho, para mim é muito importante, pois aqui vão os agradecimentos para todos aqueles que fizeram com que esse “TCC” saísse do campo das ideias para o da prática.

Aos meus pais, Carlos Alberto Pantarotto e Leonice Batista de Sousa Pantarotto, meu irmão Heitor de Sousa Pantarotto, pelo apoio moral e financeiro para que eu frequentasse a universidade, pela paciência, por todas as vezes que me cobraram a conclusão do trabalho.

Ao meu irmão Heitor de Sousa Pantarotto, pela companhia agradável nos momentos de tensão.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” que desde o dia em que fiz a matrícula, o coordenador executivo do campus experimental de Ourinhos, Professor Doutor Paulo Cirino Mourão estava presente no trote, fazendo com que nos divertíssemos e sempre observando para evitar a ocorrência de abusos.

Aos mestres que de maneira muito competente transmitiram o que tinham de melhor, o seu conhecimento.

A Prof^ªDr^a Carla Cristina R. Gimenes de Sena, inesquecível, minha querida orientadora, que me deu diretrizes, mostrando o caminho a seguir, sempre com muita competência e atenção, compreendendo e me ajudando a remover os obstáculos, meu muito obrigado e ao Prof. Dr. Amir elHakim de Paula que teve determinante importância para mim, em se tratando de bibliografias.

Aos meus colegas de curso, que me fizeram amadurecer e rir muito, em especial a Jaqueline Pereira, minha querida amiga de longos papos e colaboração mútua.

A minha tia, Sônia Regina Guaraldo, pelo valiosíssimo apoio.

Enfim, a conclusão desta etapa foi uma experiência incomparável, com alegrias e também muitas dificuldades, mas que finalmente e graças a colaboração de todas as pessoas citadas e aquelas que também não estão identificadas aqui foi possível concluir. Ao professor Ricardo Bispo e também minha prima Isabela Maria Souza de Oliveira Costa, que na reta final deste trabalho, contribuíram de forma decisiva para seu término.

Muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho se fundamenta no ensino de geografia nos moldes libertários tendo como base o anarquista geógrafo Élisée Reclus, que nasceu na França e participou de algumas insurreições, da qual a principal delas foi a Comuna de Paris, este geógrafo não utilizava a separação da geografia entre humana e física, sua concepção geográfica era totalizante e criou o conceito de geografia social, que é utilizada até hoje (século XXI).

A corrente geográfica da qual Reclus fez parte (libertária), antagonizava com algumas outras, que o anarquista geógrafo dizia que os idealizadores dessas outras correntes estavam ligados ao Estado e não queriam o progresso da ciência.

Reclus em seu livro “Educação”, sistematizou toda a pedagogia libertária, o que a educação, como um todo, deveria ser.

O trabalho é finalizado mostrando a metodologia adotada no ensino de geografia adotada por Reclus (libertária) e também o ensino de geografia atual, do século XXI e mostrando as diferenças entre eles.

Palavras-chave: geógrafo anarquista, Élisée Reclus, geografia social, pedagogia libertária.

Abstract

This research is based on the libertarian model of the teaching of geography, having the french geographer anarchist Élisée Reclus as a base of thinking. He participated of some insurrections which the main one was the Comuna de Paris. This geographer didn't use the geographic division between human and physics, his geographic conception was totalizing, and created the concept of social geography, which is used until now (21st century).

This geography thought which Reclus believed (libertarian) antagonized with some others, and the geographer anarchist used to say that the creators of the other thoughts were linked with the State and they didn't want the progress of the science.

In Reclus's book 'Education', he systematized the libertarian pedagogy, which the education, as a whole, should be. This research is ended showing the methodology adopted in the teaching of geography, used by Reclus (libertarian), and also the teaching of geography today, in the 21st century, showing the differences between them.

Key-words: geographer anarchist, Élisée Reclus, social geography, libertarian pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. ABIOGRAFIA DE ÉLISÉE RECLUS E ALGUMAS CORRENTES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO.....	08
2. AS ESCOLAS TRADICIONAL ELIBERTÁRIA E OS PRINCÍPIOS DA ESCOLA MODERNA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	14
2.1. A ESCOLA TRADICIONAL E A ESCOLA LIBERTÁRIA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	14
2.2. AS CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS PARA A ESCOLA MODERNA	17
2.3. A EDUCAÇÃO SEGUNDO ÉLISÉE RECLUS	19
3. O ENSINO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA LIBERTÁRIA E DA ESCOLA ATUAL	45
3.1. CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS PARA A GEOGRAFIA LIBERTÁRIA.....	45
3.2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ATUAL	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	56

INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi realizado com o intuito de aproximar as pessoas das concepções anarquistas e também de passar o conhecimento adquirido através de leitura de livros, artigos e também através de vídeos explicativos da educação libertária. Tomando-se por base o anarquista geógrafo Élisée Reclus, que é um dos principais geógrafos da história, juntamente com Ritter e Humboldt que sistematizaram a geografia moderna, mas por Reclus não esconder suas ideias anarquistas foi renegado na academia, enquanto Ratzel e La Blache por trabalharem junto ao Estado tiveram bastante reconhecimento. Mesmo Reclus e Ratzel sendo alunos de Ritter, tomaram diferentes caminhos.

Outro motivo que o autor deste trabalho julga interessante esmiuçar aqui, é que existem poucos trabalhos abordando a temática anarquista, da educação libertária e de Élisée Reclus no Campus Experimental de Ourinhos, o que aguçou a curiosidade para fazê-lo e tentar dar uma contribuição em relação a essas questões.

O trabalho é dividido em três capítulos, no primeiro é abordada a biografia de Élisée Reclus e algumas correntes do pensamento geográfico, três para ser mais exato - a corrente libertária, a do determinismo geográfico e do possibilismo, a primeira tendo como principais nomes Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, a segunda, Ratzel e a terceira, Paul Vidal de La Blache, os dois últimos foram bastante reconhecidos pela academia por suas subserviências ao Estado, trabalhavam sempre em favor deste, os dois primeiros, principalmente Reclus, que é o foco deste trabalho, estavam emancipados do Estado e com isso obtiveram pouco reconhecimento, embora suas importâncias para a geografia seja imensa.

O primeiro capítulo, trata da biografia do francês Reclus, dizendo local de nascimento, profissão dos pais, concepção política, dentre outros aspectos da vida de Reclus, inclusive da participação deste geógrafo em algumas revoluções e insurreições, como a Comuna de Paris, na qual os revolucionários foram massacrados por forças francesas e prussianas e também tentou alertar a população de uma cidade francesa sobre o golpe que Luís Napoleão daria na França, onde foi exilado e começou suas andanças pelo mundo, este autor viveu também na América do Sul.

No segundo capítulo foram tratados os temas das características das escolas tradicionais e libertárias mostrando as diferenças e também algumas semelhanças entre elas, acrescentando-se, o que para Reclus, são os pontos chave da educação libertária, que são: infalibilidade do ensino (onde ele mostra a educação tradicional com o sentimento de infalibilidade e o professor centralizador), educação dos primitivos, escola modelo, co-educação, provas, exames e diplomas, alta educação normal, expansão da ciência, língua comum, higiene geral, calipédia (conjunto de conselhos ou preceitos para procriação de filhos formosos), educação da estética, espontaneidade da arte, nudez, a ciência, a arte e a natureza e a arte é a vida, explicando cada uma; passando também pela Escola Moderna e a contribuição de Reclus para ela.

O terceiro capítulo aborda as principais diferenças entre as escolas libertárias e a atual no que diz respeito ao ensino de geografia, os principais materiais utilizados fora o livro “Escritos Sobre Educação e Geografia” (RECLUS e KROPOTKIN, 2011) e a “Proposta Curricular do Estado de São Paulo” (2008).

Para chegar aos títulos desses capítulos e ao título do trabalho foram estabelecidos objetivos gerais e específicos, o objetivo geral, que foi o responsável pelo título geral, que foi “A Geografia segundo Élisée Reclus: as concepções anarquistas no ensino da ciência geográfica”. Os objetivos específicos que deram origem aos títulos dos capítulos, são os seguintes, que já foram até citados nesta introdução, a biografia de Reclus e as correntes geográficas pelo qual a libertária criticava veementemente; mostrar as diferenças entre as escolas tradicionais e libertária, citando a contribuição de Élisée Reclus para a Escola Moderna e o último objetivo específico é a diferença entre o ensino de geografia libertário (de acordo com Reclus) e também o atual, de acordo com Currículo de Geografia do Estado de São Paulo.

Foi necessário também, fazer um paralelo das concepções das escolas libertárias e de Pestalozzi.

1. A BIOGRAFIA DE ÉLISÉE RECLUS E ALGUMAS CORRENTES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Élisée Reclus (1830-1905) e seu amigo Piotr Kropotkin (1842-1921) foram dois dos principais nomes da Geografia Libertária, embora de classes sociais distintas, lutaram juntos pelos mesmos ideais e colaboraram em obras tanto de cunho político quanto de cunho geográfico.

Élisée Reclus nasceu na França, de família humilde, seu pai foi pastor protestante e sua mãe trabalhava na lavoura, por conta de seu pai foi destinado ao sacerdócio, por causa de seu gosto pelas leituras dos socialistas utópicos logo se tornou republicano e mais tarde abandonaria o sacerdócio e se tornaria ateu.

Fez parte da conspiração que tentaria acabar com o golpe de Luís Bonaparte em 1851 e também participou de uma das maiores revoluções ocorridas no mundo, que foi a Comuna de Paris de 1871, essas insurreições fizeram com que Reclus sempre estivesse de “malas prontas” para fugir dos locais onde estava, morou na Irlanda, EUA, Colômbia e por fim Suíça, mas sempre que possível retornava a França.

Em suas viagens colheu uma enorme bibliografia que utilizou como fonte para escrever seus principais livros, “A Terra” (1870) em dois volumes, “Nova Geografia Universal” (1875) em dezenove volumes e “O Homem e a Terra” (1905-1908), publicado em seis volumes.

Reclus era um autor bastante detalhista em suas obras e dava uma grande valorização para a descrição e ilustração cartográfica e isso o aproximava dos leitores populares (do povo).

Foi um dos poucos escritores que não fazia a separação entre a geografia física e a humana, aliava-as e somava a isso a política, no que ele chamava de geografia social. Em suas obras, ele analisava com requinte de detalhes os fatos físicos associando-os à ação do homem e como este se utilizava destes fatos para seu próprio bem estar, o estudo da natureza era primordial para o entendimento da evolução da humanidade. Sua concepção de ciência geográfica não era fragmentada e sim totalizante.

Reclus dizia que a geografia deveria ser analisada a partir da divisão de classes sociais, que isto ocorre por causa da apropriação dos meios de produção, por poucos indivíduos e que isso provoca a luta entre as classes, uma aspirando melhor sorte e a outra não querendo perder o poder e também que existe uma tendência de que o homem se aperfeiçoe progressivamente por causa da evolução científica. Reclus acreditava que a ciência solucionaria todos os problemas dos homens.

Este autor não conseguiu separar as suas concepções político-sociais de suas obras científicas e no livro “Nova Geografia Universal”, quando tratava, por exemplo, de assuntos como a colonização, era contrário à colonização de exploração, mas justificava a implantação de colônias de povoamento de áreas pouco habitadas, ele mostra que com o crescimento do capitalismo, as áreas antes colonizadas somente para exploração, hoje estão arrasadas em quase todos os sentidos, tendo sua biodiversidade quase que aniquilada, sistemas de transportes precários, dentre outros, eram os chamados países de terceiro mundo, mas foi obrigado pela editora Hachete a não expor suas ideias anarquistas, foi um livro científico.

Élisée Reclus tinha bastante influência sobre seus leitores, mas pouca na academia, devido a sua concepção anarquista, embora seu livro “A Terra” fosse amplamente utilizado por alunos e professores durante certo tempo.

Este autor afirma que para aprender geografia é preciso se voltar à natureza, fazer com que os alunos tomem contato, pela observação direta, daquilo que os professores ensinam a eles, os professores deveriam ser sem títulos, seriam mais como tutores do que professores.

É importante, já que este autor não conseguiu separar o anarquismo da geografia científica, a não ser no livro “A Nova Geografia Universal”, por ter se filiado à editora Hachete que o proibiu de expor suas ideias anarquistas, saber sobre as correntes anarquistas pelo qual Élisée Reclus este próximo, foram duas, o coletivismo e o anarco-comunismo.

O anarco-coletivismo tem como características principais: ser contra o Estado, a favor das federações autônomas e que o trabalhador teria o direito sobre o produto do seu trabalho.

Como o autor GOMES, bradou em seu artigo “Élisée Reclus: Por Uma Nova Geografia Libertária”:

O anarquismo coletivista é uma corrente que se define por ser contra a existência do Estado e através da ação direta propõem a organização da sociedade em associações autônomas que articuladas (federação)

garantiriam a liberdade e a igualdade política, econômica e social da coletividade. Foi defendida por Reclus, no seio do inicial movimento anarquista em fins da década de 1860, do século XIX, e teve como grande expoente desta corrente o russo Mikhail Bakunin. Sua máxima era que cada trabalhador teria o direito sobre o produto do seu trabalho. (GOMES, s/d, pág.3).

Outra corrente anarquista na qual Reclus esteve bastante próximo e tendo este autor e seu amigo Kropotkin como principais teóricos foi o anarco-comunismo, que se dividiu em dois, o anarco-comunismo clássico e o anarco-comunismo organicista. O primeiro foi o que teve Reclus como um dos principais teóricos.

A corrente anarco-comunista é quase idêntica ao anarco-coletivismo, diferindo apenas quanto à distribuição das riquezas produzidas, que neste as riquezas seriam distribuídas de acordo com o trabalho de cada indivíduo e naquele as riquezas são distribuídas de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

A segunda corrente que Reclus participou foi o anarco-comunismo quem tem como proposta teórica de organização da sociedade: a ausência do Estado, sendo organizada pela livre federação que garantiria a posse comum da produção e da propriedade. Esta corrente esteve próxima ao coletivismo, diferenciando no tocante ao modo de distribuição das riquezas produzidas, em que não seria de acordo com o produto do trabalho e sim „a cada um conforme suas necessidades“ (Kropotkin, 1975), assim cada um tomaria para si os produtos de acordo com as suas necessidades e não de acordo com o trabalho realizado. (GOMES, s/d, pág.3)

O anarco-comunismo clássico, corrente que teve Reclus e Kropotkin como seus principais teóricos se caracterizava pelas ciências naturais e o próprio anarquismo ou as ideias anarquistas serem o motor para uma evolução intelectual, que assim, geraria uma constante evolução na sociedade, que teria como consequência uma sociedade igualitária e sem a presença do Estado.

Já o anarco-comunismo organicista, que tinha como principal teórico o italiano Errico Malatesta (1853-1930), propunha uma organização específica anarquista, atuando nos movimentos operários e sindicatos; negavam a ideia da evolução natural para uma sociedade igualitária, buscavam a ação direta sempre.

A Geografia Moderna (Contemporânea, como disse em seu livro: Geografia Ciência da Sociedade: Uma Introdução à Análise do Pensamento Geográfico, o autor Manuel Correia de Andrade) foi sistematizada por Alexander von Humboldt e Karl Ritter no século XIX com

destaque segundo GOMES, s/d, de três geógrafos: “ Friedrich Ratzel (1830-1905), Paul Vidal de laBlache (1845-1918) e ÉliséeReclus (1830-1905)”.

Ratzel, geógrafo alemão, estudou como o meio ambiente influencia a sociedade, foi o fundador e principal teórico junto com ElenSenpler do determinismo geográfico, este autor estava a serviço do Estado alemão, que no momento queria se unificar e por isso criou o conceito de espaço vital, onde de acordo com ANDRADE, 1987, “o progresso ou a decadência de um Estado dependeria de sua capacidade de expansão”.

Vidal de laBlache, se opõe as ideias de Ratzel, mas isso é fácil perceber, pois, a Prússia queria dominar uma parte da França, o que deu origem a guerra franco-prussiana. La Blache fez então um conceito que seria utilizado em larga escala pelo Estado francês nas viagens coloniais da França, que é o possibilismo, onde o homem sofre a influência do meio, mas o ser humano é um ser evoluído e possui técnicas para modificar a natureza o que o leva para o progresso. La Blache foi um dos principais idealizadores da Geografia Regional também, explicando as regionalizações no contexto do possibilismo.

ÉliséeReclus, se opõe aos dois primeiros, em sua Geografia Libertária, pelo fato da ligação deles com as classes dominantes e também aos interesses do Estado, como se viu acima os dois primeiros serviam ao Estado e por causa dessa subserviência conquistaram privilégios e status acadêmico na geografia da época. Eles não estavam preocupados com a emancipação do ser humano e faziam da geografia um aparato da expansão capitalista colonial. Então Reclus divergia suas ideias com as de Ratzel e La Blache por causa de sua servidão ao Estado, que utilizava suas teorias para dominação de outros povos.

Este trecho retirado do artigo de GOMES, s/d, corrobora o que acabou de ser explicitado:

Na Geografia Libertária de ÉliséeReclus ele se contrapõe aos pilares de seus contemporâneos tradicionais que se alinhavam com as classes dominantes e servia aos interesses do Estado burguês. Ratzel e La Blache são autores que pertenciam a geografia tradicional ligado e comprometido com o Estado, onde conquistaram grandes privilégios e status universitário no cenário geográfico da época. Nenhum estava preocupado com a emancipação humana fazendo da geografia um aparelho da expansão do capitalismo colonial. (GOMES, s/d, pág. 11 e 12).

Voltando mais um pouco, abordaremos mais profundamente a questão da Geografia Social, em que essa nova abordagem trazia temas ainda pouco explorados pela geografia ou que não faziam parte do arcabouço temático dessa ciência à época. Reclusia a fundo

nas questões sociais e também da classe oprimida. Admitia as classes sociais, e assim como Marx afirmava “que o motor da história é a luta de classes”, Reclus afirmava que as revoluções seriam o motor para as evoluções das sociedades.

Essa luta de classes existe desde quando surgiram a propriedade privada e o Estado, e cada lado dessa luta procura manter assegurado os seus interesses, o que leva a um conflito sem fim, mas nessa batalha existe aquele lado que leva suas vantagens, que é o lado que possui a máquina estatal e todos os avanços ocorridos até hoje aconteceram graças a essas lutas de classes e claro que esses avanços, na maioria das vezes irão beneficiar o lado mais forte, que é aquele que detém a máquina do Estado.

Reclus gostaria de ver abolidas as classes sociais, pois, assim, não se teria nem explorados e nem exploradores, e diferentemente do que as pessoas entendem por anarquismo, fazer uma sociedade com regras e diretrizes, mas que essas leis fossem discutidas horizontalmente e por todas as pessoas.

O desejo último de Reclus é uma sociedade onde não existam classes sociais, ou seja, que não existam explorados e exploradores, uma sociedade que exista regras e diretrizes, mas que tudo isso seja discutido de forma horizontal e por toda a população. (CASTRO, GODOY e ALVES, 2014, pág. 159).

Outro aspecto importante para a compreensão da Geografia Social é o equilíbrio existente entre as classes sociais, equilíbrio esse que a menor das brisas pode se romper e gerar uma violenta revolução, o que, conseqüentemente, pode gerar uma certa evolução social, não acabando definitivamente com as classes sociais, mas diminuindo as diferenças existentes entre eles.

Para Reclus (2010, pág. 69) “essas tensões existentes entre as classes, acaba se transformando em „janelas“ para transformações” e quando os trabalhadores passarem a não acreditar mais em ideologias e propagandas das classes dominantes e forem às ruas exigirem os seus direitos, um mundo de oportunidades se oferece, inclusive uma revolução.

Para o autor, revolução e evolução estão intimamente ligados e esse é o caminho inevitável em uma sociedade de classes, mas o caminho das revoluções ainda não foi possível de extinguir as classes sociais, mas com certeza é o caminho para a evolução. O Estado também tem um papel importante na tentativa do equilíbrio entre as classes, através da

repressão, como exemplo, mas mesmo assim, de acordo com Reclus, “mudanças abruptas enxergam-se no horizonte, e são inevitáveis”.

Mas há luta, luta incessante, e a vitória definitiva não está ganha: a era das revoluções, diga-se o que disser, está longe de ter acabado, e, inclusive ela não pode sê-lo enquanto a evolução realizada nos espíritos chocar-se contra a resistência dos preconceitos e do que se denomina “interesses estabelecidos. (RECLUS, 2011, pág.73).

O último aspecto de interesse da Geografia Social é o indivíduo e sua atuação constante no meio. Para Reclus era impossível idealizar uma sociedade melhor, mais justa, sem contar com o progresso individual do ser.

Então para se fazer a Geografia Social, Reclus, precisava de três pilares; classes sociais, equilíbrio entre as classes e ação do indivíduo, mas também, não separava a Geografia Física da Humana e adicionava a política à essa nova forma de pensar a Geografia, embora na obra citada anteriormente “A Geografia Universal”, Reclus foi obrigado a não escrever sobre a política, apenas cientificamente.

2. AS ESCOLAS TRADICIONAL E LIBERTÁRIA E OS PRINCÍPIOS DA ESCOLA MODERNA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

2.1. A ESCOLA TRADICIONAL E A ESCOLA LIBERTÁRIA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

A fim de entendermos melhor o contexto da escola libertária, especialmente ao se referir ao ensino de geografia, entendemos como necessária uma breve explanação das principais marcas que caracterizam a escola tradicional e aquelas que a diferenciam dos demais modelos.

Conforme aponta Luckesi (1990), compõem o que denominamos tendências pedagógicas na prática escolar três linhas específicas de pensamento e que interpretam o papel da educação na sociedade: educação como redenção, educação como reprodução e educação como transformação da sociedade.

Neste sentido, o autor utiliza como critério a posição que cada tendência adota em relação às finalidades da escola, classificando-as em dois grupos: liberais e progressistas.

É importante ressaltar que ao nos referirmos ao conjunto das tendências que se apresentam, temos clara a possibilidade de existência mútua de suas características, inclusive na prática docente atual, uma vez que em alguns pontos as tendências muitas vezes se complementam, e, em outros, divergem. No entanto, o que perceberemos a seguir é que, os dois modelos a que nos ateremos de maneira mais específicas, apresentam, no geral, mais pontos divergentes.

Por conta da dificuldade em delimitar o conceito de escola tradicional, uma vez que, por sua origem negativa, muitas vezes este termo é visto com desprezo e caricaturado, optamos por descrever os modelos denominados como tendência liberal tradicional, e tendência liberal tecnicista, que estão inseridos no modelo de escola liberal, que sustenta a ideia de que os alunos devem ser preparados para o desempenho de papéis sociais, conforme suas aptidões individuais. A pedagogia da escola liberal põe ênfase no aspecto cultural, mas esconde a realidade das diferenças de classes, não levando em conta as desigualdades sociais.

Na tendência liberal tradicional a escola prepara intelectual e moralmente os alunos para que, junto aos mais capazes, encontrem seu lugar na sociedade. Os menos capazes devem

aceitar seu destino, inserindo-se no ensino profissionalizante. Os conteúdos separam-se da vivência do aluno e de suas realidades e são repassados aos alunos, na maior parte das vezes, por exposição oral. Neste modelo toda a dinâmica da aula está centrada no professor, que enfatiza os exercícios, conceitos e fórmulas de memorização que visam disciplinar a mente e formar hábitos. A experiência e conhecimentos prévios do aluno são desvalorizados e os conteúdos, transmitidos pelo professor numa atmosfera de ordem e disciplina e são cobrados nas avaliações, através de verificações, interrogatórios e provas escritas, em que o aluno devolve as informações anteriormente veiculadas pelo professor. Conforme sinaliza Luckesi (1990),

A pedagogia liberal tradicional é viva e atuante em nossas escolas. Na descrição apresentada aqui incluem-se as escolas religiosas ou leigas que adotam uma orientação clássico-humanista ou uma orientação humanocientífica, sendo que esta se aproxima mais do modelo de escola predominante em nossa história educacional (LUCKESI, 1990, p. 57)

É importante ressaltar que o modelo tradicional liberal foi fortemente combatido pelos ideais da Escola Nova e foi inspirado nas concepções de Dewey (2006) et al ARANHA, Freinet (2006) et al ARANHA, Montessori (2006) et al ARANHA, entre outros, e Anísio Teixeira (2006) et al ARANHA, no Brasil. Dentre os principais pressupostos, destaca-se a maior ênfase dada ao papel do aluno e sua atuação como sujeito no processo de ensino. Segundo seus defensores

(...) é preciso dar condições para que o aluno desenvolva uma atitude científica, que aprenda por si mesmo, o que não é possível pela distribuição de disciplinas separadas, ministradas por professores em compartimentos estanques. A escola deveria ser o lugar da elaboração de projetos, que exigem reflexão, intensa atividade participativa e que levam à conquista progressiva da autonomia e da responsabilidade do educando (ARANHA, 2006, p. 229)

A tendência liberal tecnicista ocorreu de maneira bastante marcada no Brasil durante o período militar, e de certo modo, foi o modelo responsável por emperrar a implantação efetiva dos pressupostos defendidos pelos Escolanovistas. Com características bastante semelhantes às já descritas na tendência tradicional liberal, a tendência tecnicista foi fortemente marcada por uma concepção de escola cujo principal papel se focava na formação de mão-de-obra barata, excesso de burocracia e treinamento, baseado em concepções positivistas e behavioristas. Nessa mesma direção, foi retirado do currículo o ensino de filosofia e o número de aulas de história e geografia, diminuído.

A tendência progressista libertária, pertencente à linha das escolas progressistas, cujos pressupostos partem da análise crítica das realidades sociais, sustentando implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação.

A pedagogia libertária abrange grande parte das tendências antiautoritárias em educação, entre elas a anarquista, que teve como principal defensor Ferrer i Guardia.

Segundo esta tendência o papel da escola é transformar a personalidade dos alunos num sentido libertário e autogestionário, isso para ARANHA (2006), mas para MELLA et al GALLO (1997) na pedagogia libertária não pode haver nenhum tipo de diretivismo; através da introdução de modificações institucionais. Cabe a escola a instituição de práticas como assembléias, conselhos, eleições, reuniões, etc) a fim de que, através do desenvolvimento da autogestão, desenvolva-se a autonomia.

Quanto aos conteúdos, estes se colocam à disposição do aluno, mas não são exigidos, uma vez que é, segundo esta tendência, a partir das experiências vividas pelo grupo, em especial as vivências de participação coletiva e crítica que os principais conhecimentos são adquiridos, pois representam respostas às exigências da vida social. Dessa forma, todo o método de ensino se dá na vivência grupal. Trata-se de

colocar nas mãos dos alunos tudo o que for possível: o conjunto da vida, as atividades e a organização do trabalho no interior da escola (menos a elaboração de programas e a decisão dos exames que não dependem dos docentes)”. Os alunos têm a liberdade de trabalhar ou não, ficando o interesse pedagógico na dependência de suas necessidades ou das do grupo. (LUCKESI, 1990, p. 68)

Como se nota, a experiência vivida pelos alunos tem fundamental importância para esta tendência de ensino, pois, para os defensores deste modelo somente o vivido e o experimentado é incorporado e pode ser utilizado em situações novas. Dessa forma, não faz sentido para as escolas libertárias a aplicação de qualquer avaliação de aprendizagem.

Ainda que de maneira bastante sucinta, procuramos descrever as principais características dos principais modelos tradicionais e os da escola progressista, sobretudo o modelo da escola libertária.

No próximo tópico, procuraremos abordar como Élisée Reclus focaliza o ensino de geografia na perspectiva da escola libertária.

2.2. AS CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS PARA A ESCOLA MODERNA

Francisco Ferrer y Guardia, que foi um grande pedagogo catalão e também o principal mentor e articulador das Escolas Modernas de Barcelona, modelo pedagógico que teve bastante difusão no mundo nas primeiras décadas do século XX, o pedagogo foi obrigado a lidar com a negativa de Reclus para fazer um livro didático de geografia para os alunos.

Élisée Reclus se recusava a trabalhar com textos e livros com as crianças e esse é um traço da educação reclusiana, isso acontecia porque, para este geógrafo anarquista os livros serviam apenas para os professores, para que tomassem contato com as teorias e os debates científicos atuais, eles não serviam para os estudantes.

Mas é importante dizer que Reclus não deixou de apoiar a iniciativa pedagógica de Ferrer, e, então, começou a se travar um intenso e produtivo contato entre o geógrafo anarquista e o pedagogo, aquele muito influenciou o estilo de ensino racionalista e a fundação das escolas modernas. “Assim como sua prática política na Associação Internacional dos Trabalhadores ou sua docência em Bruxelas, Reclus manteve um profundo compromisso com a educação dos trabalhadores e com as iniciativas anarquistas nessa área”. (SILVA, 2011, pág.13).

Ao se compreender a relação entre Guardia e sua Escola Moderna com os pensadores anarquistas que o apoiaram, especialmente Élisée Reclus, pode-se traçar paralelos entre a prática pedagógica anarquista e suas propostas políticas, colocando-se em prática nas experiências pedagógicas.

“A luta pelo fim da exploração e da dominação do homem pelo homem; a eliminação do Estado e da Igreja; e a organização da sociedade através do apoio mútuo, do federalismo e da autogestão”. (SILVA, 2011, pág. 14).

Ferrer juntamente com Reclus tentaram fazer uma pedagogia “não ideológica”, mas para ARENDT et al GALLO (1997):

A educação é uma ação pré-política – e não de crianças; não seria correto construir um processo pedagógico que inculcasse nas crianças ideias que deveriam ser conclusões e resultados de suas futuras observações da realidade social, interpretada pelas concepções científicas obtidas na escola. (ARENDT, 1997, pág.7).

Com isso Ferrer y Guardia fica diante de um impasse, se sua pedagogia seria feita para filhos de burgueses, sendo assim teria que se manter fiel à sua clientela, ensinando-os as técnicas de exploração para que continuem dominando a sociedade, ou se sua pedagogia seria destinada aos filhos de operários e assim ensinaria a eles a revolta contra a exploração injusta dos trabalhadores, em ambos os casos Guardia “estaria adiantando para as crianças uma ação política que elas deveriam ter apenas no futuro”. (GALLO, 1997, pág.7).

A resposta para este impasse encontrada por Ferrer foi simples, juntar numa mesma sala de aula filhos de burgueses e proletariados, no que GALLO chamou de “co-educação das classes”, assim, Ferrer y Guardia acreditava estar passando aos alunos a “verdade objetiva” sobre a sociedade, sem enganar ninguém; “que no futuro, em consequência disso, os filhos de operários se revoltam e os filhos de burgueses encontrem melhores justificativas para a exploração, se não quiserem juntar-se à luta daqueles que buscam a reestruturação da sociedade”. (GALLO, 1997, pág.8).

O positivismo de Ferrer então leva a crer em uma neutralidade da escola, não é que toda a escola seja neutra, como queriam os positivistas clássicos, mas que a escola seja racionalista (como era chamada a Escuela Moderna), fundada na razão positiva da ciência, essa escola, então, não seria baseada em ideologias ligadas à preconceitos e nem falsas ideias ligadas a manter a dominação e os privilégios de poucos, “mas na disseminação dos conceitos científicos, que por si só, não carregam conteúdos políticos”. (GALLO, 1997, pág.8).

Francisco Ferrer y Guardia causou uma imensa polêmica sobre a pedagogia de sua *escuela*, isso não só nas áreas conservadoras, como já era de se esperar, mas também nas áreas progressistas da sociedade, Ricardo Mella, militante libertário dessa época (início do século XX, quando se teve notícia das primeiras Escolas Modernas), criticou duramente as ideias de Ferrer para a educação, Mella era fervoroso na defesa da neutralidade das escolas e não conseguia enxergar essa neutralidade na escola de Ferrer.

Para MELLA, 1997:

Uma educação libertária seria aquela que prescindisse de todo e qualquer diretivismo, que prescindisse de toda e qualquer ideologia; assim como não se deve ter uma educação religiosa, também não se deve ter uma educação política, seja ela anarquista ou fascista. (GALLO apud MELLA, 1997, pág.9).

Embora Ferrer tenha consciência da neutralidade da educação, para que apenas no futuro, os jovens pudessem fazer a sua própria opção política, o ensino racional de sua escola estava em desacordo com isso e carregava consigo várias concepções político-ideológicas ditas revolucionárias. Isso ocorre porque embora o pedagogo catalão tivesse avançado em muitos aspectos foi um homem identificado com o seu tempo (como a escola moderna aconteceu em início do século XX, está se abordando esta época), como se percebe por seu positivismo. Marx, que era um pouco mais velho que Ferrer, também foi influenciado pelo positivismo e contrapunha a ideologia à ciência. “Está embutida aí a ideia de que se a burguesia precisa falsear a ideia através da ideologia para mascarar a realidade da exploração social, o proletariado ao contrário, nada tem a esconder, apenas a revelar, sendo a ciência o mecanismo desta revelação”. (GALLO, 1997, pág.12).

Assim, quando Ferrer acusa a escola capitalista de ideológica, está acusando esta escola de mascarar a exploração para manter para manter a dominação e ao contrário quando defende a escola científica e racional, está propondo um modelo de escola, que através da ciência, revele essa exploração para por à luz das pessoas essa exploração e fazer com que elas se revoltem quanto a isso. “Neste sentido, a *Escuela Moderna* não era ideológica e não fazia proselitismo, como atacavam seus críticos, preocupados com uma neutralidade ainda maior, mas apenas “desmascarava” as falsas verdades construídas pela classe dominante no afã de justificar as desigualdades sociais”. (GALLO, 1997, pág.12).

2.3. A EDUCAÇÃO SEGUNDO ÉLISÉE RECLUS

Em seu capítulo XI, livro IV, do volume VI, de sua obra “O Homem e a Terra”, intitulada de “Educação”, Élisée Reclus mostra como deveria ser a educação.

Para este autor, assim como a ciência, o ensino sente a necessidade das origens nacionais, começando pelas condições geográficas e depois históricas de cada local. Em teoria, assim como se tem hoje em dia, aquele que se diz professor e que professa a outra pessoa, seja ela criança ou adulto, tudo o que aprendeu durante sua vida; se sente obrigado por ser um “intérprete escrupuloso da verdade” (RECLUS, 2010, pág.10) e necessita transmitir esses conhecimentos com “toda alegria de saber, com todo amor fraternal”. (RECLUS, 2010, pág.10). Na prática o que se vê é completamente diferente, todos os conhecimentos oferecidos pelos professores podem ser propagados “como um magnífico incêndio” (RECLUS, 2010,

pág.10), mas na maioria das vezes, este homem ou mulher que se tornam os interlocutores dos saberes, não são tocados pelo entusiasmo do ensinar o verdadeiro, de correr atrás do verdadeiro e na maioria das vezes professam ensinamentos que estão em conformidade com alguns interesses, sejam eles do Estado, religião ou casta.

Élisée Reclus mostra o caráter de infalibilidade a que são atribuídas às instituições de ensino e também aos professores, que graças ao seu ar de superioridade e autoridade, contando também com os estudos anteriores que possuíam, lhes eram conferidas. As crianças olhando para as feições daqueles que são ditos superiores à elas, sentem-se dispostas a memorizarem as palavras que saem das bocas destes seres, com isso acaba se formando uma religião, na qual os professores são os próprios deuses.

Toda cultura adquirida primitivamente pelo homem, foi adquirida através da convivência com os animais e com a educação não foi diferente, para provar isso deu-se o exemplo dos pássaros, que ensina os seus filhotes a evitarem os inimigos, buscar os alimentos, cantarem e depois voarem a distância cada vez maiores dos ninhos onde nasceram e quando não têm mais o que ensinar abdicam do seu posto de “professores” e deixam sua prole seguir seu caminho.

O pássaro, muito gentilmente, ensina a seus filhotes a arte de evitar seu inimigo e buscar seu alimento, depois os faz cantar, lhes recita o que poderíamos chamar de “cantos nacionais”, ensina-lhes a sustentar-se no vazio aparente, faz-lhes realizar seu voo em distâncias cada vez maiores do ninho natural, em seguida, quando nada mais pode ensinar à sua prole, e que a igualdade está completa em força, em destreza, em inteligência, retira-se, abdica de sua função de educador. (RECLUS, 2010, págs. 11-12).

Para as sociedades ditas primitivas o que se chama de educação não é muito diferente daquilo praticado pelos animais, para começar, as crianças ficam nas imediações de seus pais, para assim imitar as ações deles e adquirirem cultura para si, assim tornando-se homens sobre o exemplo do pai e mulheres com as mães, mas sempre na natureza e no trabalho destinado à eles e que deverão continuar quando seus pais morrerem. Seu progresso tem a ver com seu poder de adaptação ao meio ambiente da qual tende a se beneficiar. Para estes povos a escola possuía um outro sentido, bem diferente do qual possui hoje em dia, tinha um sentido de festa.

Quando as sociedades passaram da natureza para as civilizações, “o trabalho passou a ser de natureza a romper a unidade primitiva das famílias e a colocar as crianças sob a direção de educadores especiais”, assim nascem as escolas. Reclus ainda fala dos contrastes no tratamento que os alunos recebiam em certos países na época dos grandes impérios e citou o

exemplo da Grécia, onde as crianças aprendiam a fazer esculturas, cantavam e viviam felizes nas escolas e também o exemplo do Egito Antigo, onde o professor golpeava insistentemente seus alunos com uma vara.

Ao menos o contraste que apresentava o tratamento dos estudantes nos diferentes países mostra-nos quais nações encontravam-se em um período de progresso e quais em uma via de retrocesso. As esculturas, os cantos representam as crianças gregas brincando, dançando, corando-se de flores, erguendo gravemente a cabeça às mulheres e aos anciãos, enquanto os documentos egípcios mostram com insistência a vara que o mestre faz ressoar nas costas do aluno. (RECLUS, 2010, pág. 14).

Na atualidade (época em que Reclus vivia, meados do século XIX e início do XX), haviam vários teatros que se faziam peças onde se debatiam os problemas das vidas cotidianas, todos aqueles métodos citados eram empregados na educação das crianças. Aos professores eram delegadas as funções dos pais, principalmente à do pai, que passa ao professor todos os seus poderes sobre os filhos, mas na sociedade, não era apenas o professor que tinha poder sobre as crianças, mas também a Igreja e o Estado laico e ordenam que elas sejam adestradas para seguirem seus destinos posteriormente, como cães obedientes. Para mudar essa perspectiva, as crianças começaram a reivindicar direitos iguais perante os adultos e decidiram que a educação não pode acontecer de acordo com que seus pais, a Igreja ou o Estado lhes ordenavam, mas de acordo com suas próprias conveniências. Entra ano e sai ano, sempre, a cada fase da sociedade, a educação irá atender aos interesses das classes dominantes. Assim, as mulheres e as crianças, principalmente estes últimos, são obrigados por mais tempo a realizarem aquilo que mais que mais aprendem na escola, que é obedecer.

Os educadores começaram a entender que seus principais objetivos eram o de suscitar as crianças a se desenvolverem conforme sua própria natureza, fazendo com que essas desabrochem aquela inteligência que ela já possui em seu inconsciente. As classes deverão ter poucos alunos, sendo esse número maior apenas nos corais, nos exercícios físicos, passeios e jogos. Alguns teóricos da educação tentaram limitar o número de alunos a oito, pois achavam que esse número implicaria em uma perfeita harmonia natural, mas como nada é imutável, é sempre mais vantajoso modificar a escola de acordo com os meios e seus alunos. Os alunos não poderiam formar uma multidão que se afastasse do professor, mas sim, andassem sempre juntos para as alegrias do trabalho e da diversão, como se fossem uma verdadeira família.

O educador seria ao mesmo tempo o pai e o irmão deles [os alunos], colocando seu próprio cérebro em comunicação com os cérebros das crianças, apreendendo claramente o estado de suas noções conscientes e

inconscientes, solicitando nas jovens cabeças um trabalho do pensamento correspondendo ao seu próprio e levando-os, assim, à compreensão da verdade e à felicidade da ação. (RECLUS, 2010, pág. 21).

Para o autor “a escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza”. Então, aquilo que se chama, hoje em dia, de extracurricular, como festas, passeios, cavalgadas, dentre outros, deveria ser via de regra, pois, só em contato com a natureza os alunos podem tomar conhecimento dos animais, das plantas, etc., na escola modelo a saúde física e moral andam juntas e inseparáveis.

Outro fato importante na visão educacional de Reclus é a co-educação, onde todas as crianças, meninos e meninas, eram educadas no mesmo local, sem um estabelecimento para um e para o outro, como era antigamente (antes de Reclus e suas ideias sobre educação, lembrando que este autor nasceu em meados do século XIX e morreu em início do XX), aliás, apenas os homens recebiam algum tipo de ensinamento em estabelecimento educacionais oficiais. Esse tipo de educação na qual homens e mulheres estudavam em locais separados era melhor observado na época da puberdade, onde os homens faziam suas provas para conseguirem entrar nas sociedades dos homens e as mulheres nas sociedades delas (isso ocorria nas sociedades primitivas, onde a época da puberdade era entendida como a época pelo qual as crianças do sexo masculino passavam para a idade adulta e o mesmo ocorria com o sexo masculino), mas o ensino das jovens, normalmente às afastavam do convívio com a sociedade geral, ou seja, “a apropriação apartou a mulher da sociedade”.

Muito por causa do fato citado acima, a mulher de antigamente (antes de Reclus e suas ideias sobre educação), dependia do pai ou do esposo, essas jovens, que eram educadas completamente separadas dos homens, eram preparadas para a submissão e eram também acompanhadas de muitas mentiras (como, por exemplo de que o homem era mais forte e mais inteligente). Para os homens a educação era mais precisa, para as mulheres os ensinamentos eram marcados por floreios e suposta moral.

Quando se descobriu o respeito devido à ciência e o direito de todos a conhecer a verdade pura, não há mais razão admissível à diferença de ensinamentos entre o homem e a mulher, assim, conseqüentemente as jovens começaram a frequentarem as universidades e se iniciou uma época em que as mulheres começaram a ter o mesmo nível de conhecimento dos homens.

Com a co-educação, a ignorância e a hostilidade de ambos os sexos diminuí gradativamente, isso ocorre por causa da convivência pacífica realizada desde muito pequenos nessas escolas. Com a ciência, o abismo causado pelas maldições da Igreja e a diferença de evolução entre homens e mulheres diminuem muito.

Resulta da aproximação dos sexos, em um mesmo local de estudo, que a ignorância mútua e a hostilidade forçada entre homens e mulheres atenuam-se gradualmente; o abismo, outrora escavado pelas maldições da Igreja, preenche-se pouco a pouco, e a diferença de evolução de um sexo a outro diminui à medida que o tesouro comum de riquezas científicas torna-se a propriedade de todos. (RECLUS, 2010, pág. 29).

Élisée Reclus também expunha em suas obras sobre educação as provas pelos quais os jovens e as jovens passavam, então para isso falava dos primitivos, que passavam por torturas duríssimas, como, mordidas de formigas, ferimentos por punhais ou facas, escarificação por ervas venenosas, dentre outras torturas, e esses jovens eram submetidos a essas provas até mesmo durante meses. Essas práticas, muitas vezes eram acompanhadas por cerimônias religiosas e muitas vezes essas provas coincidiam com batalhas que suas tribos participavam.

Pode-se citar como exemplo a tribo europeia dos Daiaques corta-cabeças, que só se casavam quando os jovens traziam para as mulheres os crânios ensanguentados dos oponentes de batalha ou surpreendido em emboscada, para mostrar sua bravura.

“Sabe-se que os Daiaques corta-cabeças só encontravam mulher pronta a acompanhá-los se eles lhe trouxessem o crânio ensanguentado de um morto em um combate ou surpreendido em uma emboscada”. (RECLUS, 2010, pág. 32).

Os exames e os concursos das grandes escolas, que nada mais são do que a transformação das antigas provas, mas sem aquela sinceridade primitiva e na época de Reclus, quando já havia concorrência, os jovens precisavam ganhar suas vidas o mais rápido possível (estamos falando aqui da época da Revolução Industrial, onde com o advento das máquinas as relações trabalhistas se modificaram, ficando mais intensas, então os trabalhadores precisariam se qualificar melhor e de forma mais rápida), vaidade dos pais que queriam que seus filhos avançassem rapidamente nos estudos, isso tudo faz com que os métodos de ensino sejam também mais rápidos ou até mesmo falsos.

Esses jovens para atingirem os seus objetivos simplificam as suas ações, decorando fórmulas e também frases ditas pelos professores, “amontoando na memória áridas definições sem cor e sem vida”. Esses formulários e manuais de onde esses jovens decoram suas

matérias, afastam-nos dos livros e também da natureza, tornando-os mecânicos, com isso limitam suas inteligências, questionários escravizam suas mentes, compêndios a deixam pobres e as frases e fórmulas decoradas acabam por matar o pensamento crítico dos jovens de uma vez.

Os formulários e os manuais afastam os candidatos dos livros e mais ainda da natureza; os programas limitam a inteligência, os questionários ancilosa-na(imobilizar), os compêndios empobrecem-na e as frases prontas acabam por matá-la completamente. (RECLUS, 2010, pág. 33, grifo do autor).

Aquele jovem que procura sempre o jeito mais fácil e rápido de aprendizagem, perde a sua iniciativa e retira das palavras e dos atos toda originalidade, para se aprender e apreender algo, é preciso esforço e um longo trabalho de assimilação.

O ensino, na época de Reclus e também em nossos dias, tomam por base os exames, até porque é por causa destes que se preenchem vagas em quaisquer cargo e também se fazem as posições oficiais e sociais. A Igreja e principalmente o Estado fizeram com que a educação convergissem para a obediência, minando cada vez mais a inteligência dos jovens, mas não só a Igreja e Estado, nos tempos atuais, temos o mercado que também faz com que a educação convirja para a obediência e isso acaba minando também a inteligência dos alunos.

Os estudantes não entram nas altas escolas (universidades) para obterem o conhecimento e sim, para conseguirem, um dia, ganharem muito dinheiro e é com isso que os exames ganham um caráter divergente à ciência, pois, se transforma em um simples pretexto para se ganhar o diploma. Mas os exames nada mais deveriam ser do que “conhecer-se a si mesmo”, conhecer sua natureza da qual esse indivíduo é apenas uma célula. “Assim, o jovem que vive seu aprendizado deve interrogar-se e responder-se incessantemente, com toda probidade e sinceridade”. (RECLUS, 2010, pág.35).

Os alunos, como atualmente (época de Reclus) só pensam em enriquecer e esse objetivo pode ser alcançado de várias formas, fica difícil se entender como poderiam ser cativantes os locais de estudo, “onde o amor pelo conhecimento e pela ciência da vida seriam as únicas ambições”. (RECLUS, 2010, pág.36). Assim, os estudantes ficam cada vez mais móveis e isso acarreta em um certo desligamento das sedes universitárias, que será importante apenas pela biblioteca e laboratórios, que complementarão as pesquisas dos universitários.

Reclus, em sua obra “Educação”, dá o exemplo de um grupo de estudantes que se reúnem para viajar e pesquisar outros lugares do mundo, são regiões de interesses geológicos ou também para conhecer a fauna e a flora, artes e costumes de regiões ou sítios que julguem interessantes.

“Vimos estudantes americanos fretar um navio para ir durante meses estudar a natureza da costa africana”. (RECLUS, 2010, pág. 37).

Mas essas viagens podem ter seu lado ruim e seu lado bom, quando os alunos viajam sem método, ao acaso e sem estudo prévio aprofundado, acabam saindo no prejuízo; mas quando fazem seus roteiros de viagem para aprenderem realmente, para fazerem observações científicas, investigam a terra diretamente, sem necessitar dos livros que a descrevem falseando um pouco, daí esses estudantes tem um grande aprendizado, um grande benefício a eles próprios.

O estudante deve proceder, sempre, pela observação, não importa o local que esteja, seja na natureza, como citado anteriormente, ou então em edifícios fechados, especialmente quando o próprio ser humano for seu objeto de estudo, “são esses que o pesquisador ensinará a conhecer em suas origens e em sua vida atual, com as mil alternativas da saúde, da enfermidade, da decrepitude e da morte”.

As leituras que os estudantes fazem, se tornam supérfluas se não caminharem junto com as observações, pois com a experiência de campo, esse estudante pode tornar-se criador. Mas não são apenas as leituras e as observações que melhorará o aprendizado desse aluno/pesquisador, as amizades também são bastante importantes para lhe aguçar o espírito do saber, essas amizades podem dobrar as forças dos pesquisadores. Essas são as grandes diferenças entre a ciência livre e a ciência posta a serviço da indústria e do lucro.

O que é necessário pedir aos estudantes não são os diplomas, mas sim suas grandes obras produzidas através da ciência livre, esses estudos seriam dirigidos no sentido do trabalho útil, e esses jovens (homens e mulheres), então, seriam capazes de mostrar suas obras para as empresas comuns da sociedade. Assim como os chamados “primitivos” tiveram que provar para as pessoas da tribo sua coragem, passando por vários tipos de provas e também como o antigo operário, que ambicionando o cargo de mestre teria que produzir a sua “obra-prima”, da mesma forma esses jovens irão entender que para galgarem os postos de que tanto desejam precisarão dar as suas contribuições em trabalhos sérios e de utilidade pública.

Algumas escolas, como as técnicas de Moscou, que são escolas técnicas especiais, demonstram praticamente, que trabalhos feitos por crianças e adolescentes em estado de entusiasmo e recebendo incentivos de seus colegas de trabalho, podem ser maravilhosos. Esses jovens, portanto, conseguem construir obras grandiosas, como uma locomotiva, pontes ou ferrovias; e também a grande quantidade de alunas de enfermagem que mostram todos os cuidados aos doentes, sem esquecerem de suas dignidades pessoais. Os trabalhadores e empregados, que querem melhorar suas condições de vida a qualquer custo, se pensassem mais no bem estar de todos, fariam os seus trabalhos e pensariam na economia do planeta. Reclus descobriu isso em suas várias cartas correspondidas com o geógrafo anarquista russo Piotr Kropotkin.

Os regimes políticos e sociais da atualidade impedem que essas forças de trabalho maravilhosas que as escolas diferenciadas possuem de sobra sejam efetivadas, pois, esses estudantes são livres e não se curvavam aos poderosos. Mas não se pode deixar de lado as produções feitas pelos estudantes dessas instituições especiais de educação, que foram citadas acima.

Enquanto não se recuar ante o trabalho, que é pautado e limitado pelo salário, não haverá mais limitações para que o homem explore o planeta por completo, ou seja, acomodar a Terra ao ideal humano (obviamente isso não é correto para nós, no século XXI, mas aqui temos a dialética reclusiana de revolução e evolução, muito importante para a época de Reclus, século XIX, mas ao mesmo tempo fica a crítica à Reclus de como ele critica La Blache e o possibilismo e suas questões de regionalização e faz o mesmo nesta passagem? A resposta pode ser simples, igual à Ferrer, Reclus foi muito influenciado por sua época e embora tivesse suas próprias marcas seja na ideologia, seja na educação, foi também influenciado por La Blache, lembrando que ambos viveram na mesma época praticamente). Mas de todos os trabalhos, o que esses jovens “recém formados” mais possuem condições de atuar é na educação da criança, em que poderão preparar o futuro, como foram preparados no passado, de forma livre e se envolvendo com todo o amor, responsabilidade e cuidado com os alunos e com a ciência.

A educação não tem valor algum se não servir de nada na vida do indivíduo, quando este sair da escola, e se depois não continuar procurando o progresso intelectual; isto é fácil para aqueles que tem como profissão a aplicação científica estudada na universidade. Mas esses diplomados, deixam-se levar pela rotina de passar de forma simples aos seus alunos a

arte de ensinar e na maioria dos casos, não se preocupam nem em se manterem atualizados aos progressos das ciências, esses cidadãos correm um sério risco de se especializarem apenas em trabalhos que lhes forneçam as riquezas. O autor dá o exemplo dos médicos, juristas e engenheiros, que repetidas vezes caem nesse descaso com a própria profissão.

Então não basta possuir o título de doutor, para ter alguma utilidade para a humanidade. O homem que faz “descobertas” é considerado por Reclus como um pai e os jovens ao seu redor sua imensa família que ele fez surgir à existência intelectual (aqui estamos falando também da época de Reclus, século XIX, mas isso pode ser abordado em nossos dias também).

Quão grande é a geração de um Bacon e de um Descartes, de um Aristóteles e de um Humboldt! Todos os homens que estudam recebem desses ancestrais o alimento nutritivo e, por sua vez, transmitem-no a uma descendência inumerável. Em nenhum lugar a solidariedade mostra-se mais triunfante do que no mundo do espírito, através do espaço e do infinito das eras. (RECLUS, 2010, pág. 45).

Numa época (estamos falando aqui do século XIX, mas podemos ir um pouco mais além na história, para a Revolução Francesa que fracamente deu liberdade, igualdade e fraternidade ao povo se levássemos esses três conceitos até a época de Reclus, porque no século XVIII propriamente dito esses conceitos foram fortes) onde se diz que todos os cidadãos são iguais, convém que os estudos e os saberes não sejam privilégios de poucos, mas não é o que acontece, aqueles que se julgam superiores pelo seu conhecimento e pelo dom da palavra, que dá tanto valor ao pensamento, deixem-se embarcar na constituição de uma espécie de aristocracia do saber. A tendência desse trágico cenário é a sua extinção, porque a ciência já não é mais esotérica e pode ser disseminada livremente no exterior e buscar extravasar de todas as partes.

Algumas pessoas doutrinárias da ciência antiga (aquela tradicional, que nunca ousa se modificar), que acreditavam na tradição educacional e morriam de medo de toda a jovem audácia, fingem não perceber nas Universidades Populares (século XIX) “senão tentativas informes”, condenadas a serem superadas ou vegetarem miseravelmente, porque, dizem, que os estudos rudimentares, que são a base de todo conhecimento posterior, não existem nessas Universidades, mas há entre esses indivíduos, aqueles que realmente trabalham com afinco ao saber e cativam as bases, que são os alunos, e, obtém êxito na formação intelectual dos alunos.

As Universidades Populares (época de Reclus, século XIX) podem até ter a sua importância comprovada, mas sua influência é praticamente nula quando se comparada com as Universidades Tradicionais, que possuem ao seu lado a imprensa, que é a própria voz da humanidade. A grande invenção da imprensa teve, no século XIX, consequências imprevisíveis, que quando foram inventadas, realizara-se em pequenas quantidades as edições, mas no século XIX publicavam-se aos milhões e chegavam em todos os lugares. Os jornais levavam o conhecimento a quem realmente queria aprender, até mesmo em lugares isolados, apareciam os entregadores de jornais, que nesses locais se tornavam tão necessários quanto os entregadores de leite, esse era o momento mais aguardado e alegre dos agricultores e donas de casa, o de quando chegava o jornal, pois ali continham “os romances iniciados e os fatos curiosos da história das nações”, esse alimento intelectual do qual os leitores necessitam “não é de um gosto muito refinado nem nutritivo”, mas para tudo na vida existe um começo.

A imprensa justa é aquela de Zola ao qual amigos informavam sobre a campanha organizada contra ele em toda a França pelos jornais mais conhecidos, e que, contudo, rejubilava-se, feliz porque os ignorantes de ontem apaixonaram-se hoje pela leitura: se o jornal que lemos neste momento propaga a mentira, aquele de amanhã dirá a verdade. (RECLUS, 2010, pág. 48-49).

Mas em pleno século XXI não é o que se vê, a maioria dos jornais, sejam eles impressos ou televisionados, continuam publicando mentiras, não passando a informação correta para seus leitores ou espectadores, sobre os aspectos sociais, como, por exemplo, as revoltas populares.

Essa influência que a imprensa causou e também das artes que a acompanham, como gravuras, fotografias, dentre outras, são mudanças relativamente recentes (época de Reclus, século XIX). Mas quaisquer que sejam os defeitos dos jornais e das revistas periódicas (vulgaridade, banalidade, escândalos, patriotismo hipócrita), elas ampliarão o espaço intelectual de seus leitores e os tirarão de suas vidas cobertas por ignorância.

Esse conhecimento avassalador que a imprensa impulsionou far-se-á com que não haverá mais ignorância entre os indivíduos mais pobres e aqueles que residem em lugares afastados. Aquele verdadeiro conhecimento, embora seja feito pela ação direta dos indivíduos, esse conjunto de transformações intelectuais, parecerá ter-se realizado por grandes massas, por nacionalidades inteiras.

Com todos esses pontos positivos, com toda essa onipotência, a imprensa, até mesmo sem querer, poderá levar os povos do mundo a falarem uma língua comum e já percorreu uma boa parte do caminho para alcançar isso.

Os telegramas incessantemente permutados entre todos os países do mundo são redigidos em um estilo conciso, rápido, lógico, fácil de ser compreendido por todos, segundo um repertório de palavras de antemão convencionados. Os textos desenvolvidos nessas breves missivas sofrem forçosamente a influencia e, por sinal, não são absolutamente redigidos pela maioria com a grande preocupação da beleza literária: são de hábito puras amplificações cuja escrita afasta-se muito pouco dos clichês habituais. Os termos originais da língua são de bom grado retirados e empregam cada vez mais termos diplomáticos e parlamentares pertencentes à coleção das expressões banais empregadas nos salões cosmopolitas. (RECLUS, 2010, pág. 50-51).

Com todas essas facilidades a imprensa poderia sim fazer com que todos os povos falassem uma mesma língua.

Um francês, não consegue compreender um filósofo ou poeta de outro país, senão após um sério estudo, mas poderiam ler facilmente seus jornais, vendo as mesmas palavras com terminações diferentes ou torneios com alguns termos que se podem deduzir com o contexto das figuras e das frases.

Em todos os países de línguas oriundas dos latinos esta língua comum formulada pela imprensa já está começando a ser empregada, e em várias outras línguas, como o eslavo e os germânicos estão se flexibilizando para também começarem a alcançarem esta unidade linguística. Em congressos científicos internacionais é importante que os participantes consigam entender as principais línguas ocidentais. Para quem idolatra sua língua *mater* e a quem desagrada essa linguagem simples dos jornais que invadem de todas as partes, esse tipo de linguagem verdadeiramente comum pode ser considerado uma verdadeira revolução, pois, colocando esses dois idiomas à disposição de cada um, a língua comum e a língua *mater*, permitiria defender este último contra a invasão dos termos estrangeiros.

Essa língua comum terá mais chances de sobreviver, como ocorreram com o latim ou o sânscrito, essas línguas pertenciam a civilizações ultrapassadas em relação às de hoje e é necessário uma nova forma de pensar um novo instrumento (língua), mas a nenhuma língua moderna pode ser empregado o papel de veículo universal da inteligência humana, o inglês e o francês tentaram ocupar este posto, mas as rivalidades entre os dois países impedem que isso aconteça, não há uma língua falada hoje em dia que seja fácil de ser conhecida, por

variados fatores, seja pelo conjunto de seus vocabulários, seja nas dificuldades de suas sintaxes e todas essas dificuldades obrigam os alunos a se aprofundarem nos estudos desses idiomas. Assim, eles, acabam ficando muito incomodados de utilizar as línguas aprendidas no estrangeiro como um idioma universal e se limitam apenas em utilizarem certas palavras e frases que podem facilitar suas vidas, utilizam jargões, como o “sibir mediterrâneo” e o “*pidgeonenglish* dos mares do pacífico”, não são línguas.

Com isso, os pesquisadores tentaram inventar algumas línguas artificiais em que não haveriam exceções nas regras gramaticais, a mais importante dessas pseudo linguagens foi o Esperanto, que reúne algumas vantagens como língua artificial. Os radicais das palavras não foram escolhidos individualmente, aconteceram naturalmente como pertencendo as principais línguas da América e da Europa. Essa nova língua inventada, tão próximas das línguas europeias das nações “civilizadas”, os estudantes modificam e combinam os vocabulários de forma fácil de aprender e guiam-se por regras de gêneros, números, tempos e modos. Essas poucas regras são suficientes para que os esperantistas escrevam e compreendam a língua universal.

Essa língua obteve progressos rápidos e talvez consiga penetrar com uma maior velocidade nas classes populares do que naqueles que possuem dinheiro e poder, ditas inteligentes (sabemos que a Revolução Francesa foi burguesa, então teve a ascensão dessa classe neste país, quando esta classe toma o poder continua a renegar o povo, que ou não tem educação ou é muito rudimentar, por isso essa classe dominante era dita inteligente, pois era estudada. Pode-se aqui fazer um paralelo com o que ocorria na São Paulo do começo do século XX, onde os operários das fábricas também eram renegados pelas classes dominantes). Isso ocorre, “porque o sentimento de fraternidade internacional tem sua parcela no desejo de empregar um língua comum”, encontrado nos trabalhadores socialistas que são hostis à guerras e por outro lado, o esperanto, é de fácil aprendizagem e se oferece aos trabalhadores, que possuem pouco tempo para seus estudos.

O curioso é que essa nova língua já era amplamente utilizada, mas enquanto os seus críticos repetem para todos que as línguas não podem ser criações artificiais e devem nascer da vida dos povos, o fato é que as linguagens descendem de um fundo primitivo e o esperanto é um genuíno exemplo disso. O inventor do esperanto e todos os seus seguidores (falantes dessa nova língua) não queriam, de modo algum, substituir as línguas oficiais, queriam apenas

um “aparelho de entendimento entre as nações como um simples auxiliar dos falares nacionais”.

Nos países ditos “civilizados” do mundo há ainda uma outra revolução, tão importante quanto o esperanto, que é a revolução da higiene, também ocorrendo em algumas regiões “bárbaras”, em suas partes pantanosas, onde se combatem alguns mosquitos transmissores de doenças e também “nas estradas das comunas onde se detêm os contágios mundiais tais como o cólera, a febre amarela e a peste”. Essas mudanças são de primeira ordem, se aplicam aos conjuntos dos seres humanos como se fossem um único indivíduo. A preocupação com a higiene vai além das fronteiras, pois, do ponto de vista do combate às epidemias, a ciência não separa e nem pode separar o nativo do estrangeiro. A ciência sabe que as doenças não respeitam fronteiras e que são passadas de indivíduo a indivíduo, cidade a cidade, povo a povo. Ela sabe que se deve tratar quiçá o mundo inteiro, pois, como dito anteriormente, somos todos um só organismo.

Os higienistas da Europa, representados por de médicos e outros cientistas, intervieram em Jidá e Meca para impedir o nascimento ou, ao menos, o desenvolvimento do cólera entre os Hadji que se espremem ao redor da pedra sagrada, eles também intervieram na Índia para estudar in loco os focos da peste, buscar os meios de cura, circunscrever os limites de extensão do flagelo; amanhã eles intervirão na Pérsia e em Caldéia para resolver o transporte dos cadáveres para os locais sagrados de Karbala e Najaf, que deixa sobre as rotas das caravanas um odor de carniça (RECLUS, 2010, pág. 57).

Todas as cidades, agora, possuem preocupação com a higiene, para melhorar a saúde pública, pelo estabelecimento dos esgotos, limpeza de ruas, incineração ou tratamento químico dos dejetos, são políticas para combater certas doenças da época. Mas as práticas não param por aí, outras que podem ser citadas aqui neste trabalho são os cuidados com as crianças desnutridas, investimentos em grupos de casas velhas e de várias outras maneiras, mas claro que todas essas medidas de saúde pública destinadas aos mais pobres iriam gerar reclamações dos contribuintes mais ricos e esses últimos precisam entender que suas saúdes dependem também dos mais pobres, que estes estejam saudáveis, ou senão deverão temer eternamente o contágio.

Graças aos métodos científicos diminuiu-se ou extinguiram-se algumas doenças, como a varíola, a difteria, tifo e a peste negra, e quando se acaba com as doenças logo se encontram seus focos, em casernas, prisões, hospitais ou conventos e, assim, “recorre-se ao remédio soberano da assepsia e da limpeza, isso vale mais do que o mito religioso das procissões,

peregrinações e flagelações mútuas que as pessoas pensavam que colocariam em fuga os espíritos molestadores.

O fogo que era um excelente meio de desinfecção, não era empregado em destruição de cadáveres, mas para queimar as pessoas, como os da religião judaica, que eram queimados vivos por serem acusados de responsáveis de trazerem as moléstias para as cidades ou países inteiros.

Já se sabe de que maneira pode-se combater as doenças e os contágios e também como se faz para afastar as doenças individuais, mas não basta a ciência ter descoberto esses diagnósticos para que a sociedade utilize esses conhecimentos, daí vem novamente a religião que faz com que as pessoas reajam contra a ciência e que o “mal cresça em proporção direta ao conhecimento”.

Assim, a ação funesta dos espirituosos foi perfeitamente exposta pelos higienistas, e bem raros agora são os bêbados inveterados que não reconhecem quão fundadas são as críticas e as recomendações que se lhes prodigaliza, mas a vitoriosa rotina põe-lhes o copo de veneno na mão: eles o esvaziam amaldiçoando sua indigna covardia. Do mesmo modo, só encontramos fumantes deplorando sua submissão ao charuto ou ao cachimbo, glutões exaltando a sobriedade! (RECLUS, 2010, pág. 59-60).

Mas na sua grande maioria, os próprios médicos, encorajam esses vícios, por seus próprios exemplos, indo contra os conselhos oferecidos aos enfermos, então é sempre bom saber a verdade “e levá-la como um signo acima das práticas incoerentes da vida”, buscando informação sobre como proceder com as doenças, com os profissionais da área, para poderem esclarecer suas dúvidas sobre alimentação, dentre outros fatores.

A grande fonte das doenças chama-se desigualdade social, a riqueza e a miséria coincidem com a vida e a morte respectivamente, todas as estatísticas que abordam o tema da mortalidade, nos centros urbanos, mostram de forma clara este fato, quanto mais rico, mais saúde e com isso maior a expectativa de vida e quanto mais pobre, ocorre justamente o contrário, “a proporção varia do simples ao dobro, triplo, ao sêxtuplo”, de pobres mortos em relação aos ricos, por causa de suas condições sociais.

“Aqui, os pastores que pregam a resignação aos humildes de seus rebanhos; acolá, o próprio rebanho que caminha como multidão, como se fosse ao matadouro” (RECLUS, 2010, pág. 60).

Os ricos possuem uma boa vida e também uma boa saúde, pois, eles possuem os banquetes, vão à noitadas prolongadas, dormem tarde e resistem às enfermidades das orgias, mas de tudo isso os ricos se restabelecem porque possuem acesso aos tratamentos, podem viajar para outros lugares, conhecem o ar puro e o repouso e também possuem um trabalho atraente, que não exige muito desses indivíduos, isso tudo lhes dão uma boa saúde e faz com que consigam alcançar a velhice. Os pobres, pelo contrário, todos os dias estão expostos aos riscos de morte, desde o primeiro ano de vida, que já mata boa parcela dos recém nascidos e se conseguem passar do primeiro ano, precisam se adaptar à miséria, má alimentação, falta de higiene e com isso vêm as doenças, da qual a mais temível da época era a tuberculose, que matava um grande número dessas pessoas que possuíam um nível de vida mais baixo e eram tratados como indigentes. Além de todos esses riscos, os pobres ainda contavam com as castas dos curandeiros, que podiam ter diploma ou não, eram “médicos, cirurgiões, benzedeiros, charlatães” que tinham como principal função perpetuar as doenças e se possível até criar novas. Então como visto até aqui, “é sempre perigoso que exista uma contradição entre a missão e o ganha-pão profissional”. Então não se poderia censurar os médicos e os farmacêuticos que querem sempre uma saúde débil e abençoam as epidemias, isso tudo por causa do antagonismo das classes econômicas. Para uma verdadeira higiene pública é preciso que essa moral burguesa caia e nasça uma moral superior, que só acontece com o deslocamento das classes sociais.

Uma das questões capitais no futuro é aquela dos aspirantes a homens que nascem agora quase todos ao acaso e desenvolvem-se ao capricho das circunstâncias de riqueza ou miséria, felicidade ou desgraça, quando se trataria de assegurar gerações sucessivas de homens completamente saudáveis, fortes, hábeis, inteligentes e belos. (RECLUS, 2010, pág. 62).

Então, de acordo com Reclus, a situação citada acima seria perfeitamente possível exemplificado como, o jardineiro, que transforma do jeito que quiser as formas, cores, tamanho, porte, hábitos de plantas numerosas; outro exemplo, os criadores que criaram diversas raças por causados cruzamentos entre as espécies; outro exemplo citado são dos proprietários de escravos que fizeram-nos copularem para criarem indivíduos desenvolvidos pelo bíceps ou peitoral; e o último exemplo foi o de Frederico Guilherme I que ordenava casamentos entre homens e mulheres esplêndidos e vigorosos a fim de obter granadeiros de elite para seus exércitos. Estes exemplos confirmam o que a citação diz.

Da mesma maneira, alguns Estadistas propuseram que eles poderiam influenciar diretamente todas as uniões conjugais, para poderem garantir no futuro um maior número possível de “força, longevidade, qualidades físicas e morais”.

Nessa sociedade, do século XIX, onde ainda reinavam os príncipes absolutos e ao mesmo tempo vê a ciência se desenvolver cada vez mais, não é absolutamente impossível que os soberanos, ou mesmo partidos pretensamente científicos, intervenham tão fortemente até mesmo nos matrimônios entre um homem e uma mulher, que no passado os poderosos e inclusive os pais, pelos seus filhos serem suas propriedades, praticavam esses atos. Muito provavelmente tentativas vão ser feitas para chegar nesse fim futuramente, porque nas experimentações feitas no decorrer da história, tudo é tentado sucessivamente, “mas, de antemão, pode-se predizer o mais lamentável fracasso àqueles que, situando-se isoladamente acima das leis naturais da afinidade espontânea dos sexos, tentariam criar um gênero humano com sua marca”. (RECLUS, 2010, pág.63).

O próprio sucesso dessas experiências seria também o seu fracasso, porque esses homens perderiam a própria qualidade de homens e seriam “escravos tendo as „qualidades“ do escravo”, que seriam seres felizes com as humilhações que sofreriam, aceitando isso de bom grado e “cada vez mais desprovidos de iniciativa e dinamismo”. (RECLUS, pág. 63).

Foi assim que os faraós, auxiliados por ministros da qualidade de um José, criaram uma raça de incansáveis camponeses, formando um mesmo aparelho agrícola com o boi ao passo lento que marcha à frente da charrua. Os peruanos, sob o regime dos incas, os guaranis sob o apostolado dos jesuítas, tais são os tipos que escolheriam para reproduzi-los segundo um modelo cujo relevo seria gradualmente apagado. Quantas vezes a intervenção dos padres e dos patrões exerceu-se nesse sentido, as uniões das belas moças com os obstinados sendo sempre desaconselhadas com insistência; quantas vezes os pais, em desacordo com seus filhos, desejando casar-se, preferiram à posição social à robustez e à beleza; quanta desgraça, quanto suicídios, quantos crimes essas intervenções não causaram! (RECLUS, 2010, pág. 63-64).

A questão capital da ciência, que é a de respeitar a livre escolha dos esposos, vai fazer com que se recomesse a luta que divide os homens de poder e igualdade. Para cada melhoria da ciência, a própria se encontra paralisada em seus esforços por causa da desigualdade social que fica no fogo cruzado entre o ideal e sua realização possível. Em relação à problemática de como fazer para assegurar a saúde e duração dos recém nascidos, as diversas ciências já deram todas as informações desejáveis para que isso aconteça, sabe-se como fazer para acomodar os bebês em seus meios, em todas as regiões e estações e também, como fazer para

enfrentar os maiores desafios que a própria natureza impõe, “fazendo viver os prematuros, objetos informes dos quais o anatomista e a nutriz são os únicos a reconhecer a qualidade humana”. (RECLUS, 2010, pág.64-65). (Todas essas abordagens são feitas se tomando por base o século XIX).

O profissional de higiene da época de Reclus (século XIX) ensina a aumentar, a cada instante, as chances de sobrevivência dos recém nascidos e sabe como agir aos problemas de saúde ou cirúrgicos, mas, em contrapartida, esse cientista, não irá ignorar o problema da desigualdade social, e só para os ricos esses especialistas vão lutar para salvar seus bebês. O higienista que fizesse justamente o contrário, seria considerado um revolucionário, por “não levar em conta os direitos sacrossantos do capital”.

O médico não tem o direito de desviar a mãe do tipo de ocupação que lhe impõe a economia contemporânea, e o que pode ele se a mãe é obrigada, por seu próprio trabalho, a desfazer-se de seus filhos, enviá-los para longe entre os mercenários, onde os cuidados dados aos pequenos, sob a vigilância de funcionários demasiado amiúde indiferentes, correm o risco de ser completamente ilusórios? (RECLUS, 2010, pág. 65).

Além dessa questão dos recém nascidos, todas as outras sonhadas ou tentadas pelos cientistas da época (higienistas), os de boa vontade, esbarravam sempre em questões sociais. “Assim, os higienistas, não têm mais qualquer dúvida em relação aos venenos que viciam o sangue dos homens, álcool, tabaco, morfina, ópio”. (RECLUS, pág. 65).

Isso está bem claro aos higienistas, mas também é claro que os “orçamentos nacionais e locais” e também os lucros que os produtores e comerciantes possuem, crescem a cada dia para que eles consigam sustentar esses vícios. Os que detêm os poderes constituídos, não possuem cacife para condenar abertamente esses vícios. Esses cidadãos preferem tratar de questões relativas à trabalho e educação, ou então admitir sem questionarem as descobertas dos higienistas, sobre “respirar ar puro, alternar os trabalhos de força física e pesquisa intelectual, fornecer a cada homem um alimento variado e abundante, não forçar nem as voações nem os músculos, conceder um amplo repouso bem ganho àqueles que o excesso de labor fatigou” (RECLUS, pág. 66), mas uma ciência que não aplica seus princípios porque as fábricas e as indústrias apenas querem a força de trabalho dos trabalhadores a um salário miserável e também de pais que querem, o mais rápido possível, instruir seus filhos, a profissões que se não dão dinheiro, suprem necessidades imediatas de suas famílias.

E a prostituição? Como regime dependente do Estado, beneficiando-lhe inclusive pelos impostos, semelhante instituição só pode encontrar

vergonhosos defensores entre os chefes do exército, que cuidam zelosamente para que prostíbulos surjam ao lado das casernas. E como proteger-se das matanças em massa perpetradas de tempos em tempos pelas companhias ferroviárias? Sem dúvida, há casos fortuitos que escapam a toda providência humana, todavia, mais do que um acidente, é o „dividendo“ que se deve incriminar. As companhias conhecem os aparelhos de preservação: mas estes custam caro; elas não ignoram que um amplo pessoal, sempre disposto, espírito aberto, é indispensável para evitar as colisões; mas os homens acidentam-se. As companhias sabem também que as responsabilidades que recaem sobre os poderosos adquiriam um caráter muito mais sério do que as pesadas penalidades dispensadas ao acaso a um controlador ferroviário morto de fadiga ou um condutor cegado. Apesar de tudo, esses inconvenientes não diminuem os grandes lucros para os quais tudo foi direcionado. (RECLUS, 2010, pág. 66-67).

Assim, sempre e em toda a parte, em tudo que se refere aos seres humanos, há o choque com aqueles que se utilizam da força para coagir o povo, que são os poderosos.

Não basta apenas fazer leis e nem dar ao povo o poder para esses destruírem as más instituições, pois, é histórico que sempre haverá aqueles a que são atribuídos o título de revolucionários, que trabalhando a serviço de suas próprias convicções, irão destruir tudo aquilo que apodrece o ser humano, como casernas, postos de arrecadação e alfândega, prisões, dentre outros. Se não fossem esses indivíduos, esses estabelecimentos citados, sempre seriam habitados, conservando o seu papel social de focos “parasitários”, permanecendo na podridão. Não basta fazer leis, porque elas servirão na maioria das vezes apenas aos poderosos, mas será mascarada de igualdade (“todos são iguais perante as leis”) fazendo com que o povo se acomode em sua situação de subserviência e destruir as instituições que possam fazer qualquer alusão às práticas severas dos poderosos com o povo, como por exemplo “a queda da Bastilha” na Revolução Francesa não terá muita serventia se não forem reconstruídas com dignidade e ética, então esses “revolucionários” precisariam recompor esses locais e leis de forma a melhorar a vida da população.

Enquanto uma revolução não acontecer, as leis serão vãs.

“Tal forte desclassificado, desarmado, sem guarnição, até mesmo sem guardião, não é menos um local proibido, cujos muros são defendidos pelo aprisionamento e pelas multas”. (RECLUS, 2010, pág. 68).

Um exemplo disso são as subprefeituras das cidades francesas, que foram notificadas pelas legislações, mas elas sempre voltam a funcionar, “em prejuízo da moral e das finanças públicas”. O povo prepara as revoluções e com vontade firme, realiza-as.

A educação estética já é mais delicada que a científica, porque ela é menos direta e sua elaboração é completamente pessoal, mais nuançada. A beleza vem antes do “ordenamento e da ordem”, então pode-se dizer que a arte precede a ciência.

A criança está radiante por segurar um objeto luminoso, de cor cintilante, de sons argênteos; desfruta deliciosamente da música das nuances e dos sons, e só mais tarde busca conhecer o como e o porquê de seu chocalho; observa-o e manipula-o longamente antes de desmontá-lo para se dar conta dele. Do mesmo modo, seus pais contemplam com uma espécie de adoração, com entusiasmo, seu recém nascido, e é só depois que lhes virá a ideia de fazer a educação do ser maravilhoso que eles admiram. (RECLUS, 2010, pág. 68-69).

Essa citação é um exemplo da passagem da arte à ciência e quando a ciência já explicou tudo a nossa volta, as pessoas se voltam novamente para as artes, para fazer com que a alegria entre em suas vidas. Mas esse dom da arte não é para qualquer um, aquele que tenta ser um artista “pelo estudo servil dos mestres”, pela medida e pela reprodução dos trabalhos do mestre, além da observação das regras fixadas anteriormente, este indivíduo não passará de um mero copista, “um gerador de decadência e morte”.

Élisée Reclus, citando Ruskin (2010, pág.69), afirma, “a primeira regra da arte, bem como de toda virtude, é ser sincera, espontânea, pessoal”; nossa educação, sendo deficiente como é, e por possuímos um sentimento servil, somos condicionados a elevar à status de arte, algumas obras que são apenas um monte de pedras justapostas entre si e que custou a vida de vários escravos.

É verdade que todas as coisas humanas são, em seus efeitos bem como em suas causas, tão complexas de natureza quanto o belo pode misturar-se ao medíocre, até mesmo ao feio; entretanto, para fazer-se uma ideia precisa dos trabalhos humanos, é preciso distinguir os diversos elementos e pronunciar-se especialmente sobre cada um deles. (RECLUS, 2010, pág. 69-70).

Com essa situação, pode-se falar que as pirâmides, são do ponto de vista da arquitetura, nada mais do que um modelo de geometria e Reclus ainda fala que as pirâmides possuem o mesmo valor, ainda para a arquitetura, das figuras geométricas feitas de papel pelos estudantes, mas com sua grandeza deixaram de ser apenas obras humanas e se tornaram parte da paisagem. Sem contar que há nessas pirâmides um período da humanidade e que se evoca, através do pensamento, todo aquele povo que construiu essas pirâmides e morreram para isso. Além da impressão de ser um espetáculo da natureza, vê-se a história diante dos olhos, mas mesmo assim a ideia de arte não cabe às pirâmides. As pessoas se deixam levar,

até mesmo por uma admiração obrigatória, quando as obras somam às formas colossais alguns traços pertencentes realmente à arte.

Assim, quando Sesóstris, maniacamente apaixonado por sua pobre pessoa, cobriu o mundo egípcio com suas enormes efígies, o sentido do belo ainda não havia sido completamente suprimido pela universal servidão, e, apesar de tudo, os colossos do faraó, seus templos de proporções gigantescas, conservaram, malgrado seu exagero e sua falta de elã natural, algumas das qualidades legadas pela era precedente. Do mesmo modo, às épocas em que soberanos, Césares ou „Reis Sol“, faziam convergir à glorificação de seu indivíduo todas as energias artísticas do século, as gerações anteriores contribuíram sem sabê-lo para a obra de adoração real, mas uma decadência inevitável das gerações seguintes era seu preço. Entretanto, a baixa atrai a baixa, e, de século em século, os príncipes que mataram a arte por sua vaidade, a fim de concentrar todos os raios em sua auréola, ainda têm seus cortesãos; mas essa turba diminui; cada vez mais prevalece o sentimento exprimido pelos críticos verdadeiramente humanos. (RECLUS, 2010, pág.71).

Para ser considerada arte as pessoas precisam trabalhar livremente, se alegrando com suas obras e sempre buscando a felicidade ao realizar sua obra, assim, esse indivíduo “encontrará a originalidade pessoal” que o transformará de fato em artista. Se não possuir sua liberdade plena, pelo menos tem que ter a relativa, essa encontrada na ação direta.

“São também grandes épocas aquelas em que se pode lutar por seu ideal, defender com uma das mãos o tesouro que a outra segura”. (RECLUS, 2010, pág. 72).

A pessoa que é considerada artista, de vez em quando, vive uma vida completamente à parte daquela que é considerada normal. As coisas acontecem ao redor desse indivíduo, mas este ignora todos esses fatos e vive a vida de acordo com seu próprio gênio. O florescimento desse gênio individual depende de vários fatores, do qual, em aparência é completamente estranho, mas possui suas forças, “dos quais a tirania não pôde apoderar-se”. Reclus dá diversos exemplos disso, como a obra artística de Michel Blanc que não existiria sob olhares atentos de superiores “pelegos” ou da burocracia diplomada.

Há um sem número de pessoas (artistas) que lutam e conseguem sempre crescer com essa luta e que em momentos de crise, olham seus adversários de frente, como foi o caso de Blanc.

A forma com que senhores e castas tratam a arte e os artistas, que é da forma mais tirana possível, não é o único empecilho para o desenvolvimento da arte, uma opinião pública

sem critérios, para não dizer outra coisa, produz esse mesmo efeito sobre as artes e artistas, emperram toda a criatividade espontânea desses indivíduos.

“O mal produzido pela hipocrisia religiosa e moral que grassa nos países anglo-saxões sob o nome de *cant* é verdadeiramente incalculável”. (RECLUS, 2010, pág. 74).

Muitos autores e artistas, que com seus trabalhos, não precisariam temer essa opinião pública hipócrita, calavam-se, de acordo com o tema desse trabalho, que era julgado impróprio pela religião. Homens de extrema inteligência, como Byron e Shelley, fizeram de tudo para serem tolerados por seu país, a Inglaterra, mas os dois foram exilados e tiveram que ir para outros países e ali permaneceram até suas mortes.

Em alguns países de língua inglesa, algumas artes ditas “convenientes”, pela opinião pública, não podiam obter absolutamente nada que lembrasse a vida sexual, fora da alma ou do lado espiritual do amor, “parecia que o homem era realmente um ser desprovido de corpo, uma simples chama, uma luz, um duende”. (RECLUS, pág. 75).

Em relação a esta vergonha imposta pelas igrejas cristãs, amaldiçoando a carne, essa “arte” imposta por essas opiniões públicas é infinitamente inferior àquela produzida na Grécia, que ao contrário, respeitava e divinizava as formas humanas. Isso não é possível, uma arte de valores idênticos aos dos gregos, enquanto essa falsa moral impor seus costumes, aos homens e mulheres, amaldiçoando o “livre crescimento do corpo, a seu desenvolvimento higiênico e estético, e ao estudo frutuoso dos artistas”. (RECLUS, pág. 76).

Só se pode tornar escultor aquele que consegue contemplar e entender as formas em sua infinita diversidade, depois de compreender o movimento dos músculos, a alternância dos movimentos, ou seja, “depois de ter descoberto a unidade da pessoa humana”, seus relevos do corpo e o caráter individual criado pela imaginação do artista. Ainda existe a necessidade de que essa apreciação dos corpos, seja feita de forma livre, não por surpresas ou em locais onde modelos posariam para a escultura em troca de dinheiro. A arte verdadeira é feita quando se fazem as reproduções de modelos conscientes do sentimento de desprezo que as tradições vão ter em relação ao seu emprego e por causa disso, eles adquiriram uma mente mais aberta para exercerem essa função.

A nudez só pode ser considerada uma arte se as pessoas que trabalhavam com isso se libertarem do mal ou se se elevar à pureza da alma e da vida. “Só uma profunda evolução

moral, proveniente de uma completa mudança do meio, poderá dar aos homens essa nova liberdade”. (RECLUS, pág. 76).

Essa questão de usar roupas ou não é claramente aquela com mais importância sob o ponto de vista da saúde física, da arte e da saúde moral e esse fato da nudez humana é uma conquista da liberdade humana. Há alguns anos atrás esse assunto seria rejeitado por pensarem ser um atentado à moral humana, ou seja, todo assunto que contestasse o uso de roupas era repudiado pela magnífica opinião pública. Sob esta ideia moral e consagrada pela religião, dizia-se que um povo civilizado tinha relação direta com as roupas que usavam, caso contrário eram “selvagens”.

A senhora elegante finge nem mesmo ver aquele que anda descalço; as mãos, que são por excelência os órgãos da ação, os artesãos do pensamento humano, são com frequência revestidas de luvas; a maioria das mulheres cristãs, não obrigadas ao trabalho físico, chega até a cobrir seus rostos com véu, à maneira das maometanas, sem ser forçadas a isso por outros tiranos além da moda; assim, nem mesmo a cabeça mostra-se livremente: um véu de tule ou crepe interpõem-se entre o olhar e a natureza; até mesmo as bolinhas negras ou vermelhas bordadas sobre o tecido parecem lançar uma belida sobre os olhos ou salpicar pintas sobre as faces. (RECLUS, 2010, pág. 76-77)

As convenções da sociedade pedem roupas exageradas, mas sob outras circunstâncias, pede-se que as mulheres mostrem ombros e seus seios desnudos.

Para a entrada do rei Carlos V na cidade da Antuérpia, as mulheres que faziam parte da nobreza da cidade, se mostravam nuas para o cortejo ao rei, no Diretório era preciso que as mulheres se vestissem de tecidos transparentes para satisfazer as exigências daqueles ditos superiores, mas é preciso dizer que a religião não concordava abertamente com esses tipos de comportamentos e ficavam mais acomodados com as roupas tradicionais, como em algumas regiões, que recobrem totalmente o corpo, deixando as formas irreconhecíveis. “Tal era o objetivo da „Santa Igreja“, que via na mulher a maior incitadora do pecado”.

Na verdade - o que se precisa saber é qual dos dois, o nu ou o vestido, é mais higiênico, qual é mais saudável para o desenvolvimento físico e moral do homem. Para os especialistas em higiene, não há dúvida de que a nudez faz a pele readquirir sua vitalidade e suas atividades naturais. “A transpiração não é mais prejudicada; as funções do órgão são restabelecidas; ele volta a ser simultaneamente mais maleável e mais firme; não empalidece mais como planta isolada privada da luz”.

Experiências feitas com animais também provaram que quando a pele desse animal é retirada do contato com a luz, os glóbulos vermelhos e a hemoglobina, são diminuídas em proporção. Isso significa que a vida desse animal fica menos intensa, isso é um exemplo de que o que chamamos de progresso, talvez não seja isso e precisa ser submetido à ciência.

Tomemos exemplos entre os povos: todos os viajantes concordam em dizer que os polinésios eram os mais belos homens antes que os missionários, zelos distribuidores de lanifícios e tecidos de algodão, tivessem exercido suas atividades nas paragens oceânicas; sabe-se igualmente que em nenhum lugar os artistas tiveram mais nobre compreensão da beleza do que na maravilhosa Hélade, onde os jovens e os fortes lutavam, corriam, jogavam ao ar livre, membros desnudos, diante do povo reunido. Também não se ignora que os higienistas atuais, desejosos de restituir a beleza e a saúde humanas postas em perigo pela falta de método na alimentação e no vestuário, ponham-se a despir seus pacientes para acostumá-los ao ar livre e à luz. Em toda a Europa ocidental, e até na setentrional Escócia, abriram-se estabelecimentos onde ricos inválidos vêm expor sua pele nua à ação vivificante do vento e do sol. (RECLUS, 2010, pág. 78-79).

Nas regiões mais frias do globo, o clima é mais rude do que nas regiões mais quentes, os agasalhos também protegem do frio.

No século XIX, os japoneses, que ainda não sofriam as influências inglesas, não sentiam a obrigação de se vestirem e banhavam-se em comunhão; foi com o livre movimento dos músculos e dos membros que os artistas japoneses “deveram certamente sua franqueza de movimento no uso do pincel”. (RECLUS, 2010,pág.79)

Foram os artistas que salvaram a Europa, por eles conservarem a forma humana apesar das maldições da Igreja contra a carne. Eles conseguiram com grande esforço o direito de representar o corpo humano nu, transgredindo as leis e a moral imposta.

O equilíbrio da saúde, o funcionamento normal do corpo não se restabelece completamente, enquanto o homem continuar utilizando as alternativas para o frio e calor, que continuarão a ameaçar os indivíduos. A beleza nua seria necessária sobre tudo para a saúde moral, porque a veste, de acordo com Reclus, conduziria à corrupção geral da sociedade, juntamente com a vaidade, da imitação servil e dos vícios.

Isso pode ser observado em escolas de Belas Artes, onde aqueles que são julgados depravados, desenhavam o modelo feminino com total respeito às formas humanas, sem pensarem em sexo, a não ser após o expediente, todos eles em contato com mulheres vestidas com pouquíssimas roupas ou nenhuma, essa moda criada nas Escolas de Belas Artes, deu o

corte perfeito para deixarem marcadas as curvas femininas e excitar os homens. “A beleza nua enobrece e purifica; a veste, insidiosa e mentirosa, degrada e perverte”. (RECLUS, pág. 80).

“Ora, a moda ainda reina, assim como reinam sempre o Senhor Capital e os antigos resquícios da Igreja e do Estado”. (RECLUS, 2010, pág. 80).

Com essa citação, pode-se perceber que a moda representa interesses, seja de seus fornecedores, ou seja de pequenas paixões pessoais, mude de uma hora para outra perante essa nova forma de pensar a arte (nudez). A moda muda constantemente, vai de um extremo a outro em um piscar de olhos, porém ela sempre utiliza os resquícios do passado, tentando aperfeiçoá-los.

Nenhuma das antigas maneiras de adornar-se e embelezar-se desapareceu completamente, homens de sociedades antigas se pintavam, hoje em dia se tatuam, como exemplo, tem-se os almirantes, que, escondidas sob as luvas, estão lá tatuadas em seus polegares uma âncora, um outro exemplo, esse feminino, é que as mulheres europeias (ditas civilizadas), continuam utilizando argolas, como ocorria no passado em algumas tribos e sociedades, mas ao invés de utilizarem no pescoço ou na narina, as utilizam nas orelhas, “conservam o colar da selvagem e porta o bracelete da cativa, resquício da corrente que a atava ao poste da tenda”. (RECLUS, 2010, pág.81).

Mas, entre os ricos, que querem sempre se diferenciar dos pobres, a ostentação dos abastados mantém essa separação ou a amplia por conta dos gastos; a massa tende a aproximar-se deles por conta de suas roupas e isso já é um progresso. Em vários locais, já não se sabe mais quem é pobre e quem é rico, aquele que possui bom gosto, mesmo sendo rico, se veste com simplicidade e a regra geral é a perfeição, mesmo entre os mais pobres. Além dessa igualdade de trajes entre os que possuem muitas posses e os que não possuem; existe também a semelhança das roupas das mulheres trabalhadoras com as vestes dos homens, assim elas, querendo a liberdade de seus movimentos, conseguem se livrar das roupas pesadas e apertadas. Com isso, então, pode-se perceber um progresso quanto a liberdade dos trajes e isso se aproxima mais da higiene, mas a revolução de andar pelo lugares, completamente livre de roupas, como faziam os gregos, parece muito difícil de ser realizada.

O reformador isolado, ainda que fosse um „super-homem“ como Nietzsche, não teria absolutamente a força necessária para realizar a obra que ele empreende. Sozinho, é tido por louco se ele realmente não se torna um, e seus contemporâneos não tem nenhuma dificuldade de livrar-se dele pela prisão, pelo exílio, pelas zombarias, pela colocação em quarentena. Mas ele

não deixa de ser um precursor e outros o seguirão, e pela associação farão com que sua vontade logre êxito. (RECLUS, 2010, pág. 82-83).

Então, o artista se unirá com higienistas e cientistas e dessa união se mudará a concepção das pessoas sobre o nudismo. A união da arte e da ciência, tal como deve ser no futuro, “se revelou quando Ticiano e seus discípulos desenharam para André Vésale as pranchas de seu Tratado de Anatomia”. (RECLUS, 2010, pág.83) Hoje em dia esses exemplos se repetem mais corriqueiramente e quando os cientistas, artistas e profissionais instruídos se libertarem da servidão aos poderosos, poderão se voltar àqueles que mais necessitam “para ajuda-los a construir a cidade futura” (RECLUS, 2010, pág.83), ou seja, fazer uma sociedade sem feiúra, enfermidades ou miséria.

Trabalho atraente, como Reclus o define? Assim:

que infinita alegria entre todas as abelhas no trabalho da edificação e do provisionamento de uma colmeia da qual nenhum parasita viria roubar o mel! Quanta fraterna felicidade em coordenar seus esforços para a criação de um belo organismo no qual cada um tem sua parcela de trabalho pessoal e consagra sua existência à realização de uma obra perfeita, detalhe harmônico de um conjunto que convém a todos. (RECLUS, 2010, pág. 83-84).

Assim os objetivos sociais terão mudado por completo. Atualmente as pessoas que possuem algum tipo de privilégio tomam todas as medidas para manter essa desigualdade e, assim, os artistas, operários e soldados, não conseguem trabalho se não aceitarem as condições impostas por essas classes privilegiadas. Esses trabalhadores, por sua vez, teriam a sua felicidade garantida em buscar seu próprio caminho, viverem igualitariamente, sem qualquer preocupação com a miséria e em paz com seus companheiros, mas de suas infâncias são ensinados que todas as outras pessoas são seus rivais, para aguçar esse sentimento lhes dizem que os prêmios são poucos e que é preciso tomá-los de seus iguais, mesmo que seja da forma mais baixa possível, esses ensinamentos servem para que os trabalhadores, um dia, também sejam privilegiados, para mais tarde poderem ostentar os títulos e méritos, mas para isso é preciso combater seus “concorrentes”. Todos se acostumam a se odiarem mutuamente, assim, aquela arte que libertará os homens das amarras da meritocracia vai surgir muito mais dificilmente desse meio nebuloso.

Os artistas sinceros são aqueles que, tentando se afastarem dessas condições, se afastam da sociedade e acabam vivendo isolados. Esse isolamento acaba sendo na natureza,

mas mesmo ela pode ser enfeada pelo mau gosto e também pelas tomadas de posse. Contudo, o homem oferece à natureza a sua alma e com isso pode viver em harmonia ou não com ela.

O homem, que será educado para a compreensão da beleza, saberá respeitá-la, não degradando ela, conservando suas linhas; o homem então terá “vergonha por diminuir e alegria por aumentar a beleza de seu meio”, imitando o animal, que aliás é seu predecessor. Mas mesmo os edifícios ajudam na beleza do meio, isso acontece quando os arquitetos compreenderem que a obra humana concilia-se com a da natureza harmoniosamente.

É assim que um templo grego continua, desenvolve e floresce, por assim dizer, os contornos do rochedo sobre o qual erigiram-no; é parte integrante dele, mas lhe dá um sentido mais elevado; transforma-o, glorifica-o, tornando-o digno da divindade que o homem criou e que, lá de cima, reina sobre os campos e sobre os mares. (RECLUS, 2010, pág. 86-87).

Mas, os relevos naturais seriam profanados de qualquer jeito, hoje em dia, pelas construções humanas, feitas por arquiteto sem escrúpulos, que são pagos para construir esses monumentos. A arte se associa então às escolas ruins, todos esses arquitetos formados nas Escolas de Belas Artes, precipitam o trabalho ao menor sinal dos poderosos.

A harmonia entre as artes ajustaria todas as vontades e que houvesse acordos entre os operários para um trabalho comum e se fariam grandes maravilhas artísticas que se ergueriam sobre as ruínas das péssimas construções e até mesmo sobre os palácios. Isso que é considerado a verdadeira arte. E como já dizia Jean Baffier: “A arte é a vida”. (RECLUS et al BAFFIER, 2010, pág.88).

3. O ENSINO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA LIBERTÁRIA E DA ESCOLA ATUAL

3.1. CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS PARA A GEOGRAFIA LIBERTÁRIA

Como foi visto no capítulo anterior, para Élisée Reclus, para se aprender a geografia é preciso se voltar à natureza, mas por que teríamos que voltar à natureza? A resposta é simples, pela própria geografia ser uma ciência natural, para este autor o ensino desta ciência precisa feito através “da visão, pela observação direta desta Terra que fez nascer e que nos dá o pão que nos alimenta”. (Reclus, 2011, pág. 15).

Na época do autor e inclusive nos dias de hoje, o ensino de geografia carrega a marca dos tempos escolásticos da Idade Média, na qual o professor é a única autoridade dentro de sala de aula e tudo o que fala é lei, esses professores pronunciam termos de que nem eles mesmos entendem e tratam a geografia como uma disciplina puramente decorativa, passam os conceitos na lousa sem a menor alusão à realidade desses alunos, esse “professor escolástico” cita esses termos (como exemplo, cabos, golfos, estreitos) e não referem-nos a nada que esteja palpável a seus alunos.

[...] mas o ensino da geografia, como continua ainda em nossas escolas, carrega a marca dos tempos escolásticos: o professor pede ao aluno um ato de fé, pronunciado além disso em termos cujos sentidos não domina; recita prontamente os nomes dos cinco rios da França, de três cabos, de dois golfos e um estreito; sem referir esses nomes a nenhuma realidade precisa. Como poderia fazê-lo, se o mestre jamais lhe apresenta nenhuma das coisas de que fala e que se acham, não obstante, na mesma rua, em frente à porta da escola, nos rios e charcos de água que formam as chuvas? (RECLUS, 2011, pág. 16).

Para Reclus o professor de crianças não deve ficar trancado com seus alunos em estabelecimentos oficiais ou particulares e o professor também precisa se precaver antes de distribuir mapas e livros nas mãos dos alunos (“companheiros infantis” de acordo com Reclus), os professores, principalmente os de geografia, deveriam fazer a volta à natureza, proporcionando passeios aos companheiros para que possam compreenderem por si mesmos esta tão bela ciência geográfica.

O autor ainda avisa que é importante proceder com método esses passeios, pois, de acordo com o local que se visita, um país plano ou montanhoso, regiões graníticas ou calcárias, as abordagens terão que serem diferentes. Este autor ainda dá o exemplo de que “na

Bélgica não falaria o mesmo que nos Pirineus ou nos Alpes”. A linguagem em lugar algum seria igual uma da outra, pois, há traços particulares e individuais para assinalar e esses traços serviriam como elementos de comparação entre distritos estudados nesses passeios. Como já dito no capítulo dois, a gestão na tendência progressista libertária é de total liberdade do aluno, as matérias, no caso, a Geografia, estão à disposição dos alunos, assim como os professores; não existem punições e nem prêmios, a gestão humana é totalmente horizontal.

Não importa o ponto visitado pelo professor e seus companheiros infantis, todo local tem o que se verificar, como montanhas ou colinas, diversidade de terrenos, areias, argilas, pântanos e turfas, arroios, rios, refluxos de águas, enfim, uma gama de objetos de estudos.

Esses são os fenômenos observados na terra, existem também os fenômenos ocorridos no céu, como os movimentos terrestres que marcam a manhã, o meio dia, o crepúsculo e a obscuridade (rotação), na qual pode-se observar as estrelas, pode-se verificar também as nuvens e as neves, tempestades, relâmpagos, arco-íris e aurora boreal. Para esses fenômenos naturais são precisos um entendimento de matemática inicial, já que eles seguem um caminho pré estabelecido e que os observadores vêm passar pelo meridiano, com isso é possível se precisar os pontos cardeais e consequentemente os diversos pontos do espaço.

Reclus enfatiza a utilização dos métodos em todas as excursões e viagens feitas, pois, para ele esses passeios “não se tratam de ocorrer ao azar, como aqueles americanos que dão sua volta ao Mundo Antigo e que costumam fazer-se mais ignorantes à força de amontoar desordenadamente lugares e pessoas em seus cérebros, confundindo-se tudo em suas lembranças: os bailes em Paris, a revista da guarda de Postdam, as visitas ao Papa e ao Sultão, a subida às pirâmides e a adoração ao Santo Sepulcro. Tais viagens são o que de mais funesto pode imaginar-se, porque matam a potência de admiração que há de crescer no indivíduo ao mesmo tempo que seu reconhecimento, e acabam por estragar-lhe de modo que chega a desprezar toda beleza”. (RECLUS, 2011, págs. 18-19).

Para evitar esses fatos desastrosos e ao mesmo tempo corriqueiros para a geografia, o autor fala que os procedimentos das viagens e excursões devem ter o mesmo cuidado com o método de que possuem os estabelecimentos educacionais, mas ao mesmo tempo devem se livrar de todo pedantismo para que a viagem ou a excursão não se tornem chatas para as crianças, pois, acima de tudo elas devem se divertir. Com isso poderemos voltar na visão e descrição esses dois fatos quando atingem o cérebro da criança, faz com que elas fiquem

adiantadas, mesmo sem ter frequentado os estabelecimentos oficiais de ensino, porque, “a sua faculdade de compreensão é solicitada e convidada a saber sempre mais”. (RECLUS, 2011, pág. 19).

Para ele, a criança sempre acaba caindo na prisão escolar, seja mais cedo ou mais tarde, é uma prisão por causa da estrutura e por causa do ostracismo intelectual causado pelos livros e mapas, como foi visto estas ferramentas são importantes, mas os livros são para os professores e os mapas salvaguardando alguns é preciso ter algum critério para serem usados com crianças. Com isso a escola perdeu o seu significado primeiro que é de recreio ou de festa.

Cedo ou tarde, sempre tão pronto, chega o tempo em que a prisão da escola aprisiona a criança entre suas quatro paredes; e digo prisão, porque é o que o estabelecimento de educação quase sempre é, já que a palavra escola perdeu há muito tempo seu primeiro significado grego de recreio ou de festa. Aparecem os livros e com eles a primeira lição oficial de geografia que pronuncia o professor aos seus alunos; chegou o momento de submeter-se à rotina e de colocar nas mãos das crianças um atlas selado pelo Conselho de Instrução Pública. (RECLUS, 2011, pág. 20).

De acordo com Reclus mapas não representam a realidade do globo, pois, logo depois do professor explicar de forma lógica “que a Terra é redonda, que é uma bola que roda no espaço como o Sol e a Lua”, não faria sentido apresentar a sua imagem em uma folha de papel quadrangular e outra coisa as escalas e as projeções cartográficas desiguais nublam a mente das crianças. Ninguém esquece das contradições dos mapas de papel, porque nas projeções cartográficas existem erros nas formas geográficas, “que tomaram um aspecto flutuante e indeciso”, o tamanho dos países do Norte e do Sul são diferentes, com isso a compreensão intelectual fica enfraquecida.

[...], sei por experiência que esses mapas, de escalas e de projeções desiguais, fariam tanto dano aos meus alunos como o que causaram a mim mesmo, e o que, sem dúvida, haverão causado ao leitor; porque ninguém consegue apagar completamente as impressões contraditórias que recebeu por diversos mapas, já que, segundo as projeções que vimos sucessivamente, as formas geográficas tomaram um aspecto flutuante e indeciso, e as proporções entre as diferentes comarcas não se apresentam com clareza à nossa consideração, porque percebemos nos atlas de todo tipo múltiplas deformações: infladas ou enfraquecidas, estiradas, prolongadas ou truncadas em diversos sentidos e, por consequência, nossa força de compreensão intelectual fica embotada; seguros de antemão de não alcançar a precisão de visão, nem sequer tratamos de obtê-la. (RECLUS, 2011, pág. 21)

Então para sanar esta dificuldade o geógrafo anarquista diz que a utilização de globos terrestres seria o mais indicado e que o professor deverá ser intolerante ao uso de mapas, pelos motivos vistos anteriormente, mas daí fica a pergunta. Qual é o melhor globo como objeto escolar? Para Reclus (2011, pág.58), “uma simples bola suspensa sobre um aparato de madeira ao lado do mestre, que a segura, move e entrega aos alunos”. A simplicidade desse globo se observa em seus atributos, deverá conter os pólos, a Linha do Equador; posteriormente, o traçado da elíptica de um lado a outro do Equador, sem meridianos ou paralelos num primeiro momento, para as crianças, basta encontrar o ponto onde está sua escola e em qual povoado ela se encontra.

Utilizando este tipo de globo, construído e manejado pelos próprios alunos, conseguirão utilizar outros globos com vantagem; depois de terem traçado, eles próprios, continentes, mares e tudo o que foi explicado aos alunos na escola, este é o método de Reclus que consiste em “ver, criar de novo, e não repetir mnemonicamente”. (RECLUS e KROPOTKIN, 2011, pág.22).

É pela observação direta do globo que o ensino de geografia deve se ater, mas esse tipo de instrumento é escasso, por isso os professores acabam se voltando aos mapas, que possuem inúmeros empecilhos para o aprendizado geográfico da criança como foi visto anteriormente.

Os globos da época de Reclus tinham dimensões muito grandes, o que dificultava o manuseio por parte das crianças, dependendo do tamanho era preciso amarrá-lo no teto para que se conseguisse utilizá-lo, então, esses instrumentos da educação geográfica, como são de grande porte e difícil utilização por parte das crianças, com esses problemas fica difícil arranjar até um lugar para guardá-los, ficando esquecidos nos almoxarifados das escolas.

Mas Reclus fala sobre a importância de se fazer globos representando a verdadeira forma terrestre para que os alunos tenham contato com isso e esses globos devem ser feitos com escalas de 1:1000000, 1:500000 ou 1:100000, dando assim a dimensão exata da Terra aos alunos.

3.2. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ATUAL

O ensino de geografia, sofreu muitas transformações nestes últimos vinte anos, essas transformações provêm da crítica ao ensino tradicional praticado nas escolas em que o ensino dessa disciplina era fundamentado na memorização dos conceitos e dos fatos pelos alunos e também era baseado em um conhecimento enciclopedista e descritivo, que na maioria das vezes não era encaixado em contexto algum da realidade dos alunos.

Em nosso país, essas críticas ao ensino engessado da geografia foram provenientes de alguns segmentos da sociedade, que lutando por democracia se fundamentaram na necessidade de trabalhar com a dimensão de tempo (história) na própria compreensão do espaço geográfico, assim, conseguindo desvendar as origens e processos de evolução dos diferentes fenômenos geográficos.

Com toda essa intensidade nos debates sobre a mudança do ensino da geografia, a crítica citada acima encontrou apoio em órgãos técnico-pedagógicos de alguns estados brasileiros, como ocorrido no próprio estado de São Paulo, que junto aos seus órgãos pedagógicos promoveram uma intensa discussão e reformulação da base curricular dessa disciplina, sinalizando novos rumos para o ensino da geografia.

Assim, a geografia rompeu com aquele saber supostamente neutro e passou a adquirir uma visão de uma ciência realmente social, que é engajada e atuante em um mundo cada vez mais globalizado, com intensas mudanças nas relações de trabalho e pela preocupação com as questões ambientais e etnoculturais. Esta nova proposta de ensino desta ciência procurou ir além da dialética sociedade-natureza, que é “responsável por perpetuar o espaço como uma entidade cartesiana e absoluta, na qual tudo acontece de forma linear ou casuística”.

Além disso, assim como Reclus fez em sua Geografia Social, essa nova proposta, relacionou problemas sociais com a natureza apropriada pelos seres humanos, compreendendo todas as relações que integram eventos sociais, culturais, econômicos e políticos, em todas as suas escalas.

Então, na década de 1990, foi publicado, pelo Ministério da Educação, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que reforçava ainda mais a crítica ao ensino de geografia conteudista e fazendo a proposta de um ensino por competências, mas de forma alguma o currículo estruturado por competências deixa de ter os conteúdos. Essas

competências só possuem algum sentido se privilegiar a aprendizagem dos conteúdos geográficos de forma que os professores deem aos alunos contextos para aquilo que está sendo explicado ou entregue ao aluno situações-problema que estão integrados à realidade dos alunos.

De acordo com o Currículo do Estado de São Paulo et al Roldão, 2008 “é possível associar o conceito de competência definido por Perrenoud como um saber em uso, ao seu oposto apresentado por Le Boterf, ou seja, um saber inerte” (ROLDÃO, 2004, pág. 20).

Os conhecimentos adquiridos pelo aluno durante a vida escolar, muitas vezes se transformam em “saberes inertes”, pois eles não utilizam esse conhecimento culturalmente, ou seja, não o aplicam-nos em suas vidas cotidianas, assim, não transformaremos esses conhecimentos em competências.

Dentre as principais obras acadêmicas que impulsionaram os debates mais promissores sobre essa temática do ensino da geografia através das competências, temos as de Milton Santos, que deram à essa temática um corpo teórico-metodológico adequado aos novos tempos. Essas obras citadas na bibliografia do Currículo de Geografia para o estado de São Paulo são; “A natureza do espaço” e “Por uma outra globalização”.

Para Milton Santos, a principal revolução para o ensino, não só geográfico como as das outras ciências também, foi o advento das tecnologias de comunicação e informação, que transformaram o espaço humano e conseqüentemente a maneira de se pensar o mundo em que vivemos.

Essas mudanças no espaço do homem, que, por um lado, provocaram mudanças nas relações pessoais e socioculturais, por outro lado foi o grande responsável pelo grande crescimento das desigualdades sociais. Assim, a busca por uma sociedade mais justa e “principalmente mais aberta a incorporar mudanças e respeitar diferenças, tornou-se mais distante”. (Currículo do estado de São Paulo, 2008, 75).

Esse novo método de se fazer a geografia, deve sempre priorizar os debates e discussões dos desafios impostos pelas transformações do meio técnico-científico-informacional, ou seja, as tecnologias, que estão dentro e fora da sala de aula, especialmente neste último aspecto, que revela a comunicação on-line, que possui grande influência na modificação do local, do regional e do global.

Em relação à isso, se mostra necessária a fala do filósofo Edgar Morin, que diz,

que o impacto da planetarização faz com que cada parte do mundo influencie o todo que o compõe, da mesma forma como o todo está cada vez mais presente em cada uma das partes. Na era planetária, tal situação não se manifesta somente entre países e nações, mas influencia de forma decisiva cada indivíduo, que recebe e consome informações e substâncias oriundas de todo o universo, sendo, portanto, influenciado por elas. (MORIN, 2001, pág.42).

As distâncias, como estão sendo encurtadas pela expansão das redes de comunicação e transporte, promovem alterações no mundo do trabalho e pelo advento de novas tecnologias, isso promove um rompimento das barreiras culturais, aproximando lugares e mundos que são bem diferentes.

O sociólogo Giddens promoveu a seguinte fala em uma de suas obras: “quando a imagem de Nelson Mandela pode ser mais familiar para nós que o rosto de nosso vizinho de porta, alguma coisa mudou na natureza da experiência cotidiana”. (GIDDENS, 2000, pág. 43).

Com isso, percebe-se, que essa nova dimensão espacial, o espaço virtual, “imprime uma compressão do tempo-espaço de forma tão radical, influenciando inclusive a maneira como representamos o mundo para nós mesmo”, essa nova maneira de pensar o espaço deve ser prioritária para o ensino de geografia no século XXI.

A revolução causada pelas novas tecnologias de comunicação e informação, que são as principais responsáveis pelo advento desta nova forma de ver o espaço, que é o espaço virtual, é uma grande revolução de nosso tempo, mas, em contrapartida não contempla a todos de forma homogênea, embora tenha provocado várias mudanças em todas as relações entre os homens, provoca também intensas desigualdades entre os povos e as nações. Neste sentido a esperança por uma sociedade mais justa e aberta a incorporar diferenças fica mais distante, então é de fundamental importância que exista o debate sobre esses temas em sala de aula, de forma a contribuir com a formação crítica, ética, humanística e solidária de nossos alunos.

Em relação a este assunto, o escritor moçambicano Couto, nos mostra que

há alguns anos, a fronteira entre os ditos civilizados e os denominados „povos indígenas” era a sua integração à cultura europeia, enquanto a nova fronteira que se configura poderá ser entre „digitalizados” e „indigitalizados. (COUTO, 2004, pág. 43).

Os PCNs levaram em conta todas essas transformações citadas, “valorizando o modo como o jovem estudante apreende o mundo em que vive e introduzindo novos temas no currículo da disciplina” (COUTO, 2004, pág. 43). Todas as transformações, sob o aspecto da expansão das redes de comunicação e transporte, dentre todas as já citadas até aqui, foram transformadas em conteúdos curriculares para a geografia.

A alteração do enfoque da geografia na atualidade implica diretamente na interdisciplinaridade, isso possibilita ao aluno, por intermédio do professor, “ampliar sua visão de mundo por meio de um conhecimento autônomo, abrangente e responsável”. (Currículo de Geografia do estado de São Paulo, 2008, pág.76). Ao professor cabe também respeitar todos os conhecimentos que os alunos já trazem de casa, pois, esses conhecimentos envolvem diversos assuntos da atualidade, como a urgência ambiental, os diferentes níveis de bem-estar das populações, as questões de saúde pública, as políticas assistenciais, greves, desempregos, dentre outros assuntos, que, muitas vezes, estão diretamente relacionados com os estudantes. Esses assuntos, então, devem ser discutidos e compreendidos por eles juntamente com o professor.

São estas as necessidades essenciais que mobilizam formas de pensar e agir de um cidadão do século XXI, que muitas vezes é ator principal de seu tempo e, em outras, coadjuvante e observador crítico das ocorrências do planeta. (CASTRO, 2008, pág. 44).

Assim como nas outras disciplinas curriculares, delega-se ao ensino de geografia desenvolver linguagens e princípios que permitam que os estudantes possam compreender esse novo espaço geográfico como uma totalidade articulada e não estudá-la apenas pela memorização dos fatos e conceitos. Também deve priorizar esse espaço geográfico contemporâneo como manifestação territorial da atividade social.

Pode-se observar, então, que o objeto central do ensino da ciência é o espaço geográfico, abrangendo o conjunto das relações naturais e humanas. Assim, o tempo da natureza é regulado por fenômenos naturais e o tempo histórico é regulado pela ação humana.

O ensino geográfico na educação básica deve se pautar no estudo do território, paisagem e lugar; na qual território “é o espaço físico no qual o Estado se concretiza” (Currículo de Geografia do estado de São Paulo, 2008, pág.77); paisagem significa “a unidade visível do real e que incorpora todos os fatores resultantes da construção natural e sócia” (Currículo de Geografia do estado de São Paulo, 2008, pág.77); e lugar são “os espaços nos

quais as pessoas constroem os seus laços afetivos e subjetivos, utilizando esses conceitos em diferentes escalas”. (Currículo de Geografia do estado de São Paulo, 2008, pág.77).

O conceito de escala geográfica expressa as diferentes dimensões que podem ser escolhidas para o estudo do espaço geográfico, passível de ser abordado a partir de recortes como o lugar, a região, o território nacional ou o mundo. No entanto, as diferentes escalas geográficas estão sempre inter-relacionadas: é preciso, por exemplo, considerar o mundo, a região e o território nacional na análise dos fenômenos que ocorrem no lugar. (CASTRO, 2008, pág. 45).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fim do texto foram explícitos o ensino de geografia de acordo com Élisée Reclus e a geografia libertária e o ensino geográfico na escola atual (século XXI), percebe-se que houve um grande avanço em relação ao ensino desta disciplina no século atual, buscou-se dar bastante ênfase ao aluno e seus conhecimentos prévios, como também aliar os conceitos relacionados ao espaço geográfico com a atuação do homem no meio em que vive, que é o pressuposto da Geografia Social de Reclus, mas as semelhanças param por aí, primeiro pelo fato da própria época, Reclus viveu no século XIX, não existiam tantas tecnologias como existem hoje no século XXI, então em todas as disciplinas é preciso utilizar os meios de comunicação e informação, na época de Reclus não.

Outra coisa bastante importante é que as escolas atuais, pelo menos a grande maioria delas, possuem vínculo com Estado, o que acaba engessando algumas práticas escolares, inclusive para utilizar as tecnologias, por falta de equipamentos, falta de manutenção e a burocracia estatal que dificulta todas as ações e também a má vontade dos governantes, enquanto que nas escolas libertárias, como não possuem vínculos com o Estado, as coisas acontecem, mas ao invés (ou inclusive) de utilizar as tecnologias os alunos são provocados na própria natureza, o que acaba aguçando a curiosidade dos alunos. Além das escolas libertárias não terem nem punições e nem prêmios.

Com isso se percebe nas escolas atuais que é muito difícil utilizar a metodologia de Élisée Reclus, porque elas preferem que os alunos fiquem em suas salas de aula, dando pouco tempo até mesmo para tomarem contato com as novas tecnologias existentes.

Difícil até mesmo dos alunos se voltarem à natureza, como propunha Reclus, pois, o próprio Estado, ou não quer, ou não tem verbas para fornecer às escolas públicas para que aconteçam os trabalhos de campo ou visitas técnicas dos alunos, o que dificulta a observação e experimentação dos alunos.

Mesmo o currículo falando que se precisa criar situações-problema aos alunos, fica difícil à eles relacionar o que o professor fala em sala de aula com a realidade da natureza e dos alunos.

Faremos aqui um paralelo entre os preceitos de Reclus e os de um de seus predecessores que foi o pedagogo Pestalozzi, para este último que fez sua escola em um

castelo, o ensino em sua escola levava às crianças a lições de fraternidade, igualdade e liberdade, que era o lema da Revolução Francesa proposta por Rousseau, que foi seu predecessor inclusive, nessa pedagogia o amor é a base fundamental da educação.

Sua escola se chama Instituto de Yverdon e ficava num castelo como já dito acima, Pestalozzi aceitou em seu instituto filhos dos mais ricos e mais pobres das famílias europeias (já que sua escola era conhecida no continente todo), lá os alunos poderiam sair e voltar a hora que quisessem, embora eles não se valessem disso, estudavam dez horas de aulas por dia, cada aula tinha duração de uma hora e eram seguidas de pequenos intervalos, algumas aulas eram de ginástica, jardinagem, atividades artísticas e trabalhos livres. Dessa forma os alunos não só recebiam uma excelente formação física, intelectual e moral, como também eram preparados para a vida em sociedade, não utilizava castigos e nem recompensas para os alunos, apenas cobrava disciplina e dava muito amor a seus alunos.

Utilizava o ensino heurístico que significa “a arte de descobrir”, o primeiro exemplo que se tem deste tipo de ensino é a maiêutica socrática, Pestalozzi, com isso, não ensinava os dogmas científicos ultrapassados como nas escolas mais tradicionais, mas sim focava o processo de ensino-aprendizagem todo em suas crianças.

Outro aspecto interessante de sua metodologia era que a duração do curso completo (primário e secundário) não era fixa, estendendo-se dos nove ou dez anos até os dezesseis, após tinha o curso especial para a formação de professores. Como podemos verificar Reclus, Francisco Ferrer y Guardia possuem muito em comum em suas metodologias de ensino.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Patrícia Cristina; SILVA, Jéssica Gomes Peixoto; SOUSA, Andressa de Mattos e AZEVEDO, Antúlio José. **A Pedagogia Progressista Libertária e sua Influência na Prática Pedagógica Docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Garça: Revista Científica Eletrônica de Pedagogia, 2010.

ANDRADE, Manuel Correia de e FERNANDES, Florestan. **ÉliséeReclus**. São Paulo: Editora Ártica, 1985.

ANDRADE, Manuel Correia de, 1922. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**/ Manuel Correia de Andrade. São Paulo: Atlas, 1987.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo : Moderna, 2006.

AZEVEDO, Rafael Sá Rego de. **A Atualidade do Pensamento Geográfico de ÉliséeReclus e Peter Kropotkin Frente a Crise da \ciência Moderna: Em Busca de uma Epistemologia Anarquista para a Geografia**. Rio de Janeiro: ENG, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Geografia**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

CASTRO, Renan Fernando de; GODOY, Marcos Jorge e ALVES, Flamarion Dutra. **Contribuições de ÉliséeReclus para a Geografia Moderna**. Minas Gerais: Caderno de Geografia, 2014.

COUTO, Mia. **Pensatempos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

FERREIRA, Conceição Coelho e SIMÕES, Nataércia Neves. **A Evolução do Pensamento Geográfico**. Lisboa: Gradiva, 1986.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia Libertária e Ideologia: Vias e Desvios da Liberdade**. Florianópolis: Perspectiva, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole: O Que A Globalização Está Fazendo de Nós**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges: Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMES, Pedro do Nascimento. **ÉliséeReclus: Por Uma Nova Geografia Libertária**. Ceará: LEAT (Laboratório de Estudos- Agrários e Territoriais), 2014.

- GUARDIA, Francisco Ferrer y. **A Escola Moderna**. Uruguai: Ateneu Diego Gimenez, 2010.
- LIMA, Rivaldo Sávio de Jesus. **A Pedagogia do Amor de Pestalozzi**. Sergipe: UFS, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo : Cortez, 1990.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessário À Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Geografia/ Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.
- RECLUS, Élisée, 1830-1905. **Renovação de Uma Cidade/** ÉliséeReclus, ÉliéReclus. **Repartição dos Homens/** ÉliséeReclus/; organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée, 1830-1905. **O Homem e a Terra: O Estado Moderno/** ÉliséeReclus; tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée, 1830-1905. **O Homem e a Terra: Educação/** ÉliséeReclus; tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée e KROPOTKIN, Piotr. **Escritos Sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2011.
- ROLDÃO, Maria do Céu. **Gestão do Currículo e Avaliação de Competências**. Lisboa: Presença, 2003.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVA, Rodrigo Rosa da. **ÉliséeReclus e a Escola Moderna de Francisco Ferrer y Guardia**. São Paulo: Laboratório de Geografia Política, 2011.